

QUINTA DO VALLE DA LOUZA

Memória Descritiva

Carlos Lopes de Sousa

	Pág.
ÍNDICE	
1. Razões do autor	6
2. Aspetos relevantes que justificam a Classificação	7
3. Propósito da classificação	8
4. Designação da Quinta	9
5. Contexto geográfico e geológico	10
5.1 <i>Localização</i>	10
5.2 <i>Coordenadas geográficas na Entrada</i>	10
5.3 <i>Área a classificar</i>	10
5.4 <i>Orografia Original</i>	10
5.5 <i>Clima</i>	10
5.6 <i>Geologia</i>	11
6. Enquadramento histórico	12
6.1 <i>Objetivos do fundador</i>	12
6.2 <i>O fundador e a época</i>	12
6.3 <i>Progressão da carreira de Manoel Constâncio e reflexos na obra da Quinta</i>	13
6.4 <i>Evolução da Quinta com o falecimento do fundador. Século XIX e XX</i>	15
6.5 <i>Figuras históricas que relacionadas com a Quinta</i>	16
6.5.1 Nacionais	
Fundador - Manoel Constâncio	16
Manuel Maria Barbosa do Bocage	17
D. Maria I	17
Alexandre Herculano	18
Margarida Constâncio	18
Francisco Constâncio	19
Joaquim Constâncio	19
Pedro Constâncio	19
Pina Manique	20

6.5.2	Regionais	
	Brás Consolado	21
	Leonor Emília Abreu	21
	Francisco Eduardo Solano de Abreu	22
	Tiago Abreu	22
7.	Enquadramento arquitetónico e paisagístico	
7.1	<i>O espaço. Trabalhos e visão do fundador</i>	23
7.2	<i>O espaço. Trabalhos de alargamento no séc. 19. Visão</i>	23
7.3	<i>As casas</i>	24
7.3.1	Casa do fundador	24
	Tipologia	24
	Sala de entrada	25
	Sala decorada (nobre)	25
	Capela	26
	Quarto contíguo à capela	27
	Quarto contíguo à cozinha	27
	Cozinha	27
	Móveis da casa primitiva	
	Tremó	28
	Cama de Manoel Constâncio	28
	Abastecimento de água à casa	28
	Evolução da casa primitiva	29
	Quarto da Maria Margarida decorado 1º andar	29
7.3.2	Casas dos criados e caseiro	30
7.3.3	O celeiro	30
	Porta a Norte	30
	Lagar de varas	31
7.3.4	Casa Grande (solar)	32
	Evolução	32
	Tipologia	32
	Construção	32
	Quarto principal	32
	Sala jantar do dia-a-dia	32
	Sala de jantar formal	32

	Restantes divisões	33
7.3.5	Casario do Séc. XIX	33
	Casas dos trabalhadores e arrumos	33
	Estrebaria	33
	Celeiro (posterior)	33
7.4	<i>As construções exteriores</i>	34
7.4.1	Visão geral	34
7.4.2	Frente das casas	34
7.4.3	Balcão	34
7.4.4	Os jardins	35
	Visão geral	35
	O jardim das Damas	35
	Pomar jardim de Cima	36
	Alameda da conserva	37
	Pomar jardim do Meio	37
	Crescimento dos jardins no Séc.19	38
	Labirinto ou enleio	38
	Jardim das Rosas	38
7.4.5	As obras hidráulicas. Legado de Manoel Constâncio. Armazenamento e prazer	39
	A Conserva	39
	Contexto	39
	A solução para o abastecimento de água	40
	Tanque do pomar de cima	44
	Tanque dos Leões	45
	Tanque do pomar do meio	45
	Legado de Manoel Constâncio. As fontes	45
	Fonte das Casas	46
	Fonte dos Passarinhos	47
	Fonte do Canto	47
7.4.6	Obras hidráulicas. Séc. XIX, engrandecimento da Quinta. Lagos e Tanques	48
	Lago Oval	48
	Lago dos recortes	48
	Tanque das Latada	49
	Lago do jardim das Rosas	50

	Lago das pedrinhas	50
	Tanque do Cantarinho	50
	Fontes de Séc. XIX	51
	Fonte do Plátano	51
	Fonte da Carantonha	52
7.4.7	Caleiras de ligação hidráulica	53
7.4.8	A nora	53
7.4.9	Deambulatório	54
7.4.10	Veredas	55
7.4.11	Os terraços agrícolas	55
7.4.12	Curral	55
7.4.13	Eira	56
7.4.14	Os muros	56
7.4.15	Origem da pedra para as construções	56
7.4.16	Os acessos à Casa	56
8.	Flora	58
9.	Fauna	60
10.	Desenhos, mapas e fotos	
11.	Bibliografia	
12.	DOCUMENTAÇÃO DIGITALIZADA por temas	

1. Razões do autor

Torna-se difícil ao signatário apagar a sua passagem pelo espaço que é a Quinta do Valle da Louza determinante para a vontade de preservar um património, único, representativo de uma época e de uma personagem marcante da História Médico-Cirúrgica.

Fica registada a memória e a vontade de ver declarado Património público, este bem, em relação ao qual sempre se considerou fiel depositário quando lá viveu 10 anos.

Foi um trabalho que teve o incentivo do meu filho Eurico de Castro e Sousa e da minha nora Filomena de Maia Mendes.

Outros contributos houve. Registo a colaboração recente, orientada para esta Memória do Francisco Lopes, Luís Reis, Hugo Rodrigues e, no passado, tantos outros que não posso nem quero esquecer que contribuíram de forma física, material ou imaterial para recuperação da Quinta entre 2007 e 2017. Foram muitos e identificá-los seria esquecer seguramente alguns.

Muitas das informações da família Abreu Mena, particularmente na pessoa do Eng.º Fernando Gravito, foram preciosas para este trabalho.*

Uma lembrança particular para António Bento das Sentieiras que já não está connosco mas esteve o tempo suficiente para nos colocar no caminho da descoberta da Quinta da Louza e da 1ª Quinta de Constâncio nos Folques.

Fica também expresso o apoio da minha companheira Germina Alves, não só no português mas, principalmente, no esforço para tornar legível a minha escrita naquilo que é o seu lado hermético.

A todos os meus agradecimentos!

Vendas Novas, 26 de Abril de 2021

Carlos Rosa Lopes de Sousa

** Família que recebe a quinta com o falecimento de Maria Margarida Constâncio*

2. Aspetos relevantes que justificam a Classificação

O afastamento da Metrópole Lisboa, onde era comum este tipo de propriedades, permitiu, porque não se sujeitou à pressão imobiliária*, a manutenção desta propriedade no seu estado original.

O alargamento que se produziu no Século XIX fez-se em terrenos não ocupados pelas construções primitivas e integrando muitos valores da visão do Manoel Constâncio ainda que temperados pelos valores dessa altura.

No Século XX, as poucas obras acrescentadas, ou foram dentro de portas ou os proprietários entre 2007 e 2017 encarregaram-se de as demolir com exceção da adega mais recente que foi construída fora do perímetro a classificar.

Estamos, por isso, perante uma propriedade única não só pela preservação do património construído mas também pela sua integração num espaço natural particular feito evoluir de forma a enriquecer o original.

Associadas à propriedade estão figuras nacionais como Manoel Constâncio, D. Maria I, Bocage, e Alexandre Herculano, Francisco Constâncio e a própria Margarida Constâncio que dão uma força expressiva ao património imaterial. Outras figuras Regionais como Leonor Emília Abreu, Brás Consolado, Francisco Solano Abreu reforçam esse lado imaterial.

Ainda que esteja em causa o todo destacam-se dele a Conserva (obra única), a Casa Primitiva, a Casa Grande, o Deambulatório, a rede de água (armazenamento e distribuição), os bosquetes de Cedros e as alamedas de Loureiros.

A exemplar utilização da água, num sistema reconhecível de fontes, tanques, caleiras e lagos.

Os jardins são representativos da tradição Portuguesa do pomar-jardim presente até ao Séc. XVIII sendo reconhecíveis as tradições romanas e islâmicas e ainda a renovação dos espaços ajardinados feita a partir do sé. XIX. Num mesmo espaço 2 momentos representativos dos jardins em Portugal.

O conjunto, tal qual, é representativo de 2 séculos de quintas de estar em Portugal, não tem réplicas no território próximo nem no País. Há que o respeitar e preservar.

*Não faltam exemplos. A maioria irremediavelmente perdida. Aquelas, que ainda sobram, estão amputadas ou descaracterizadas. Cite-se o Casal Vistoso no Areeiro/Lisboa, datada do Séc. XVII, da qual restam as ruínas das casas e jardins.

3. Propósito da classificação

Quinta do Vale da Louza no seu conjunto: património edificado, jardins, tanques, fontes e caminhos correspondentes aos sec. XVIII e XIX.

Constitui também objeto, da classificação, o património botânico resultante da conceção, de equilíbrio com a natureza, do fundador, do esforço e visão da família que o precede no Séc. XIX.

O conjunto intervenções humanas, flora e património imaterial conferem à Quinta do Valle da Louza um bem único porque preservado, na totalidade, até 2017 sem alterações sobre o passado dos Séculos XVIII e XIX.

O estado do património tem pois 2017 como ano de referência sobre o qual foi elaborada toda a memória que justifica o propósito.

4. Designação da Quinta

Conhecida como:

Quinta de Vai da Louza – Testamento de Manuel Constâncio.

Quinta do Valle da Louça – Registo de abertura do testamento no dia do falecimento.

Quinta do Vale da Louça – Carta do reino de 1871, carta de Portugal 1900.

Quinta do Valle da Louza – Termo óbito Brás Consolado, 1864 e Pannel de azulejo na entrada, 1891.

Quinta do Constâncio – Abrantes Cidade Florida 1944*.

Quinta da Constância – Carta Instituto Geográfico do Exército, 1950.

Quinta do Vale da Louza – Carta Instituto Geográfico do Exército, 1981.

* Monografia O CONCELHO DE ABRANTES - CIDADE FLORIDA LISBOA 1944 - CARLOS DE SOUSA Y JOAO DA COSTA, edição Câmara Municipal de Abrantes e Grémio da Lavoura; pág. 106

5. Contexto geográfico e geológico

5.1 *Localização*

Concelho: Sardoal

Distrito: Santarém

5.2 *Coordenadas geográficas da entrada*

39º.31'.32" Norte; 8º.10'.52"

5.3 *Área a classificar*

A delimitada pelas casas e envolvente florestal do deambulatório correspondente a uma superfície aproximada de 5,5 ha a que se agregam a nora e o tanque do Cantarinho.

5.4 *Orografia Original*

O espaço construído insere-se no que era um pequeno Vale dominado a Sul por uma colina altaneira e a Norte por uma crista rochosa orientada de Nascente para Poente

No Vale, pouco pronunciado, no seu vértice, corria uma linha de água* que entroncava, em baixo, numa outra maior* vinda de Noroeste.

5.5 *Clima*

A abundância da vegetação, conjugada com o sombreamento determinado pela orografia do sítio, são fatores amenizadores de Verões quentes e Invernos frios.

A casa foi construída na zona mais amena e exposta ao Sol do vale**.

A sua habitabilidade foi reforçada pelo tipo de construção que determina um bom conforto térmico no seu interior.

*Qualquer delas não permanentes nem com fontes naturais associadas. A maior corre, em anos chuvosos, até fim de Maio.

**Evidência disso é, indicador, no Inverno, foram sentidas diferença de 3 graus entre a entrada em baixo (fundo do vale) e a frente da casa.

5.6 Geologia

Reconhecem-se 3 manifestações geológicas relevantes*.

Na zona da casa principal eira e tanque da latada, afloramentos de xistos grauváquicos, intrudidos com complexos granulíticos, que são postos a descoberto quando retirado o xisto, caso da pedreira nas traseiras da casa.

Na parte de cima, zona da conserva e tanque do jardim-pomar, os complexos granulíticos estão imediatamente abaixo do solo arável.

Argilitos nas encostas do vale.

O xisto, em particular na pedreira referida, apresenta-se sob a forma de lousa utilizada nos bancos e chãos.

Na zona de implantação do casario, o solo, foi removido e posta a descoberto a rocha criando condições para uma consolidação robusta das construções.

O solo, dessa operação, foi levado aos socacos dos pomares e jardins.

O mesmo procedimento foi usado nas restantes construções.

Toda a pedra, usada para as construções, teve origem no local*. No caso dos tanques e lagos, foi deliberadamente procurada a sua franca inserção na rocha de modo a que a pedra retirada fosse adequada a paredes e muros.

A natureza do xisto fortemente laminada foi, muito provavelmente, a razão da origem da designação da Quinta do Vale da Louza. Na linguagem popular, a foliação do xisto, é conhecida como lousa.

*A carta geológica de Portugal, folha 27-B /Tomar de 2007, confirma as observações no terreno

*Ver detalhe em subcapítulo 7.4.15

6. Enquadramento histórico

6.1 Objetivos do fundador

A leitura da evolução do espaço permite-nos fixar os propósitos de Manoel Constâncio:

Afirmar-se, na corte e junto dos conterrâneos, como proprietário de uma Quinta de estar.

Podar levar para a capital do reino alguns dos mimos que lá produzia, em particular o vinho, em cuja vindima estava sempre presente.

Fazer uso na sua própria propriedade e terra, das muitas das inovações que presenciava no seu dia-a-dia, na capital do Reino, entre elas a obra das Águas Livres, que vê evoluir a partir do ano da sua chegada a Lisboa, coincidente com a conclusão do Aqueduto das Águas Livres.

Ter um lugar onde acabar a sua carreira e lá ser sepultado como deixou expresso.

A extensão do espaço e obra revelam a dimensão das suas posses e a força e perseverança do seu querer.

6.2 O fundador e a época

A trajetória pública e profissional do fundador cola-se à história de Portugal da 2ª metade do séc. 19, em particular, com a tentativa do Marquês de Pombal em desenvolver as artes e ciências do reino dando espaço para o aparecimento de um grupo social, não nobre, que se afirmasse por valores de competência.

Manoel Constâncio é exemplo disso. De ascendência humilde progrediu por mérito, até ao topo da sua carreira, jubilando-se como lente de anatomia. Porém, reconheça-se que, para essa ascensão, recebeu o apoio inicial de algumas distintas figuras do reino que reconheceram as suas qualidades de inteligência e perseverança.

Com o retrocesso decorrente do reinado da D. Maria, acabou por reclamar desta, as mesmas benesses que a classe dominante usufruía, ainda que fossem justificadas pelo seu percurso, pelo contributo para a anatomia e cirurgia portuguesas e apoio, sempre presente, que deu à Rainha.

A quinta de lazer, que Manoel Constâncio idealizou, na terra que o viu nascer, correspondeu à sua ambição, determinação e vontade em ter um espaço com tudo o que de melhor viu nas quintas que frequentou.

Para isso foi, certamente determinante, a sua posição e o relacionamento que mantinha com as personagens da elite do Reino e Aristocracia em ascensão.

Será determinante para a escolha do sítio o conhecimento detalhado* que possui do local.

Desconhece-se o modo como tomou posse do local**.

6.3 Progressão da carreira de Manoel Constância e reflexos na obra da Quinta

A sua construção iniciou-se a meio do séc. XVIII e a sua evolução e enriquecimento acompanha a carreira e posses de Manoel Constância.

O modo funcional, cuidado e coerente, como edificou o espaço, permite concluir que, desde o início da sua construção, tencionava sair de Lisboa e fixar-se mais tarde na Louza***.

Partindo de um núcleo inicial constituído por uma casa térrea, com 6 divisões (uma das quais capela) em conjunto com a casa do caseiro e criado, contíguas, orientadas a sul, com um telhado comum de 2 águas. No sentido poente é-lhe acrescentado ou precede um celeiro e adegas. O conjunto com o mesmo alinhamento e telhado comum de duas águas.

Em 1764 assume a cadeira de Anatomia, reforçando o seu prestígio e trabalho enquanto cirurgião desde 1758 o que lhe possibilita os recursos para desenvolver a sua obra na Louza.

Pela escassez de água, concluiu em 1768 o tanque e uma mina correspondente, que deveria suprir as necessidades da casa e jardins, sendo que por essa altura, terá acabado, em paralelo, o núcleo inicial, das casas, descrito.

A água é aliás, uma das suas preocupações como se infere pela mina e fonte que oferece ao povo das Sentieiras**** em 1765.

O casamento com Joanna Rita em 1777 terá reforçado certamente o seu querer em prosseguir com a obra da Quinta agora que tem uma família e o seu filho Francisco nasce nesse mesmo ano*****.

*Manoel Constância pastoreou gado, para ajudar os pais, até aos 11 anos. A quinta dista menos de 1 km do local onde vivia (Folques). É certo conhecia bem o sítio que veio a escolher.

**Uma possibilidade será os terrenos terem pertencido a uma ordem religiosa que, de um modo geral, perderam poder com o Marquês de Pombal e disso se tivesse aproveitado o fundador. Manoel Constância manteve uma querela, ao longo da sua vida, com os Dominicanos. Só uma investigação desta hipótese lhe pode retirar a faceta especulativa-

***Um dos objetivos já enunciado em 6.3 traduzido no modo como organizou a Quinta

****Aldeia do concelho de Abrantes. O lugar mais próximo da Quinta do Vale da Louza

*****Casam com Joanna Rita (22 anos) em Lisboa a 28.06.1777 e o filho Francisco nasce a 24.07.1777

A água, com origem na Quinta, deveria prover as necessidades dos seus habitantes: as necessárias para as culturas agrícolas e as domésticas. A mina do tanque de Cima*, entretanto aberta, rapidamente demonstrou que não respondia por isso. Havia que armazenar a água no inverno.

Inicia a obra da Conserva em 1779 que conclui em 1789 e que, por força da sua complexidade construtiva, muito provavelmente, teve o concurso de um ou mais arquitetos da Obra das Águas Livres, então em progresso em Lisboa.

Pela sua contemporaneidade, a progressão, como já avançado atrás em 6.2, da rede de distribuição das Águas Livres**, foi acompanhada de perto por Manoel Constâncio e claramente tê-lo-á influenciado no modo como desenvolveu a sua obra, em termos de obras hidráulicas, na Louza.

Para a obra da Quinta, teve a ajuda, em 1792, de algumas moedas de ouro por parte da Rainha D. Maria I, de quem era cirurgião real desde 1786 e que lhe terá reforçado a fama logo a possibilidade de obter mais recursos, pelos serviços que presta, para fazer face aos grandes gastos na construção da sua Quinta.

Antes em 1782 recebe a quantia de 40 000 réis como cirurgião militar.

Dessa época aparecem hoje ainda na várzea, rebentos de amoreiras que resultam do incentivo à cultura da seda proporcionado pelo Marquês de Pombal o que também, por esse lado, confirma a sua ligação às iniciativas da época, o desenvolvimento da indústria da seda em Portugal.

Faz acrescentar um primeiro andar à casa de habitação, permitindo que a sua filha Maria Margarida e filhos tivessem um espaço autónomo e reservado, como os hábitos que passaram a ser adotados na Europa, em particular em França desde 1752, data em que Luís XV fez construir os "appartments" para as suas filhas. A decoração de um dos quartos desse 1º andar, sugere a sua utilização por Maria Margarida.

Essa construção ter-se-á feito antes de 1797, uma vez que a tradição oral da Quinta, identifica o esconso (por cima do quarto da Margarida), onde Bocage se refugiou das perseguições que lhe moviam em Lisboa ou mesmo do próprio pai Manoel Constâncio, que tão maltratado foi num dos sonetos bocagianos, talvez por aquele ter descoberto a relação mais íntima que Bocage tinha com a sua filha.

*Como detalhado, no subcapítulo da conserva, a busca de água na parte de cima da propriedade, para permitir a distribuição por gravidade a todos os espaços abaixo, ter-se-á feito, primeiramente, a partir de uma mina, usando os métodos da região, o que não resultou atendendo à natureza do subsolo.

**Aos chafarizes do Loreto, Rato, da Esperança, do Passeio Público, da Rua Formosa, das Janelas Verdes, Alcântara e outros. Manoel Constâncio passaria diariamente por muitas delas nas deslocações que fazia entre a Rua do Lorêto e o Hospital de Todos os Santos nessa altura já em S. José ou bem na visita aos seus doentes.

6.4 *Evolução da Quinta com o falecimento do fundador. Século XIX e XX*

Com o falecimento de Manoel Constâncio em 1817 sucede-lhe a filha Maria Margarida Constâncio, que tinha casado com Brás Consolado, na Quinta, em 1811.

Em 1864 assume, definitivamente a Quinta, Leonor Emília Abreu afillhada, mas de facto filha de Brás Consolado, cuja herança estava garantida por testamento deste, datado de 1856, em favor de Leonor do Carmo* (mãe de Leonor Abreu) quando da morte desta.

O fim do regimen de morgadio, em 1863, poderá também ter contribuído para a nova fase da Quinta enquanto propriedade. Brás Consolado, como capitão de foros, teve condições para escriturar todas as áreas envolventes, que geria ou possuía de facto, nomeadamente toda a colina a Sul (tapada do Brás) e o vale contíguo para Este. Esse momento de consolidação do património e toda a acumulação de riqueza que lhe antecedeu, foi uma das razões para a preservação da obra de Manoel Constâncio e do seu engrandecimento.

Com Leonor Emília Abreu, alarga-se a área de lazer, agora já segundo uma perspectiva romântica, mas mantendo esse lado lúdico.

Sobre o celeiro, a continuadora fez subir um 1º andar que lhe dá o aspeto solarengo que tem hoje.

A última obra registada, desse período, é de 1895**. No Séc. XX o lado de exploração agrícola sobrepõe-se servindo como habitação de Verão (por vezes permanente), da família herdeira de Emília Abreu que respeitou e manteve imaculado o património construído.

*irmã da sua governanta

** Inscricção no portão de entrada Sudoeste

6.5 Figuras históricas que se relacionam com a Quinta

Destacam-se:

6.5.1 Nacionais

MANOEL CONSTÂNCIO (1726 –1817*)

O Páreo** da Moderna Cirurgia Portuguesa e fundador da Quinta do Valle da Louza

Nasceu, de origens humildes em Sentieiras, Abrantes***. Partiu para o Sardoal como aprendiz de barbeiro e daí para Abrantes; desde muito cedo mostrou aptidão para a prática médica; o Marquês de Abrantes patrocinou a sua ida para Lisboa para fazer os estudos de cirurgia.

Ingressou no Hospital de Todos os Santos, onde alcança os graus de Sangrador, Cirurgião, Cirurgião do Real Exército, Professor de Anatomia e finalmente reconhecido pela rainha D. Maria I, como Cirurgião Real.

Aproveitou, em favor de seu conhecimento, dois momentos chave do século XVIII:

- O facto de que os jesuítas terem sido expulsos e por via disso a retoma da prática anatómica em cadáveres.
- O terramoto de 1755, o que lhe permitiu aplicar, de forma intensa, os seus conhecimentos na cura dos traumas dos atingidos pela catástrofe.

Um de seus discípulos, coligiu a suas aulas e redigiu o primeiro tratado de Anatomia Portuguesa****.

Por seu rigor, método e disciplina, é figura chave na transição da prática empírica (medieval) para a prática científica (moderna), da Anatomia e Cirurgia Portuguesa.

Pertence a uma aristocracia emergente gerada pela modernização do país liderado pelo Marquês de Pombal, ainda assim recebe o título de cavaleiro fidalgo bem como o de Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo.

Foi casado com Joanna Ritta de quem tem 4 filhos, Francisco, Joaquim, Pedro e Maria Margarida Constâncio

*Nascimento em 4 de Abril de 1726, Falecimento 14 de Julho de 1817

**Porque comparável a Ambroise Paré no seu papel de renovador da Anatomia Francesa.

***Abrantes onde também teve casa de habitação

****António do Espírito Santo. Exemplar existente na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa da Universidade de Lisboa.

Parte do que ganhou e as recompensas que recebe da rainha D. Maria I, como seu cirurgião preferido, foram investidos na sua “muy noble Quinta do Valle da Louza”*, onde vai regularmente, durante os anos que esteve em Lisboa e para onde se retira quando se jubila com 80 anos. Nela falece, aos 91 anos e, os restos mortais, estão na capela da casa.

BOCAGE (1765 –1805)

Principal poeta neoclássico Português. A sua última grande paixão é a filha de Manuel Constâncio, Maria Margarida Constâncio citada nos seus poemas como Marília e conhecida em casa como Lília.

Foi visitante da Quinta da Louza pela mão dos amigos, filhos de Constâncio, Pedro e Francisco e nela estava escondido*, por largo período, quando das sucessivas perseguições que lhe moveu Pina Manique, devido ao seu comportamento rebelde em Lisboa.

Na Quinta terá convivido, de forma intensa, com Maria Margarida.

A tradição oral da Quinta identifica o esconso no sótão, por cima do quarto da Marília, como seu esconderijo. A porta estaria dissimulada e Bocage recebia os alimentos por uma janela no telhado.

D.MARIA I (1734 –1816)

Rainha de Portugal tinha em Manoel Constâncio o seu cirurgião preferido.

“A muy noble Quinta do Valle da Louza” recebeu dela muitas moedas de ouro que pretendiam compensar o seu fundador, pela excelência do tratamento do seu cirurgião preferido. Quando a sangrava usava uma meia vermelha para ocultar o sangue derramado. Nessa ocasião bramava a Rainha “Ah! malandro que já me sangraste”*.

*Manuel Constâncio, O Páreo Português, Manuel Gonçalves Correia de Castro, Pág.97

*Daniel Pires, Bocage ou o Elogio da inquietude – 2019, “Nos anos de 1795 e de 1796, Bocage refugiou-se várias vezes em locais recônditos para deixar arrefecer os ânimos extremamente extremados. Óbidos..., Sardoal, morada de férias de Francisco Solano e de Pedro José Constâncio, irmãos da célebre Marília...”

ALEXANDRE HERCULANO (1810-1877)

Na sua Quinta de Valle de Lobos, Azóia, Santarém contribuiu decisivamente para a moderna produção de azeite em Portugal.

Em 1876 envia à Exposição de Filadélfia/USA a concurso seu azeite através de uma Merceria da Rua do Carmo, a ainda hoje Jerónimo Martins*. Conjuntamente e com o mesmo fim, segue o azeite da Quinta do Vale da Louza. Ambos são premiados.

MARGARIDA CONSTÂNCIO (1783-1828)

Filha única de Manoel Constâncio acompanhou o seu pai na Quinta do Valle da Louza nos seus últimos anos de vida, e dele tratou com desvelo a ponto de o seu pai lhe deixar a Quinta em testamento por sua morte.

Foi a última grande paixão de Bocage com o pseudónimo de Marília**.

Casa-se com Brás Consolado respeitando um período de nojo de 6 anos após a morte do Poeta que seria prática corrente na época.

Morre na Quinta***, desconhecendo-se onde repousam os seus restos mortais. Admissível que acompanhem os do pai na capela da Quinta.

*Lagar (O) e o "Azeite Herculano", Jorge Custódio, com uma introdução à tecnologia do azeite em Portugal no tempo de Alexandre Herculano (1810-1877)

**A acrescentar que Maria Margarida era tratada, no círculo familiar, como Lília não sendo de por de parte, por isso, o contributo desse diminutivo para a sua identificação, nos poemas de Bocage, como Marília. Sendo assim, fica reforçada a proximidade, de todos os filhos de Constâncio e do próprio pai, com o poeta dado grau de intimidade envolvido neste particular-

***Provavelmente em estado avançado de demência, consequência de doenças venéreas contraídas com Bocage, o que poderá justificar o facto de não se ter encontrado, até hoje, a sua certidão de óbito por força do modo como a Religião Católica encarava a morte dos loucos.

FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (1777 - 1846)

Conviveu com Bocage partilhando muitas das efervescentes ideias jacobinas com origem em França.

Filho de Manoel Constâncio, médico formado na Escócia* (para onde foi com 14 anos de idade), escritor, jornalista, diplomata e economista.

Regressa a Portugal passados 6 anos, volta a sair do país em 1807 não mais regressando vindo a morrer em Paris depois de uma vida intensa na Europa e Estados Unidos-

Redigiu o elogio póstumo por morte do pai. Original hoje na biblioteca de Paris.

JOAQUIM CONSTÂNCIO (1780-1857)

Educado em casa foi de todos os filhos o que mais conviveu com Bocage pela mão do qual foi introduzido em casa de Manoel Constâncio quer em Lisboa quer na Quinta da Louza.

Seguiu uma carreira administrativa como oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino

Litigou com o pai por causa da herança por morte da mãe criticando-o pelos gastos excessivos na Quinta da Louza.

Acabou por se reconciliar com ele.

PEDRO CONSTÂNCIO (1781-1818)

Com o seu irmão Joaquim e irmã Maria Margarida foi educado, em casa, por José Agostinho de Macedo.

Formou-se em Teologia em Coimbra. Maçon**.

Acompanhou o seu irmão Bocage na disputa com o pai pela repartição da herança materna.

Poeta. Muito próximo de Bocage. Muitas das mais licenciosas poesias atribuídas a Bocage são de facto dele.***

*Assim para garantir a qualificação profissional que a Corte esperava dele. Conseguiu em 1795 o diploma de Doutor em Medicina pela vizinha Universidade de St. Andrews, a mais antiga da Escócia"... Solano Constâncio, Portugal e o mundo nos primeiros decénios do sec.XIX – M^{te} Leonor Machado de Sousa

**Daniel Pires. Bocage ou o elogio da inquietude; pág. 387

***Daniel Pires. Bocage ou o elogio da inquietude; pág. 350

PINA MANIQUE (1733-1805)

Primeiro responsável pelas fugas de Bocage para a Quinta.

Impulsionador, com Manoel Constâncio, da ida para a Escócia 6 bolseiros para estudar Medicina e Cirurgia* onde se incluiu, mais tarde, o filho de Manoel Constâncio Francisco Constâncio.

Como Manoel Constâncio, foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

*THE GHOST e FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1976; pág.23

6.5.2 Regionais

BRÁS CONSOLADO (1772-1864) *

Miguelista participou na revolta de Tomar. Esteve preso (a confirmar este lado) ...

Capitão de Foros. Homem influente e poderoso.

Casado com Maria Margarida com a qual estabeleceu um pacto testamentário de passar a Quinta a Leonor Emília Abreu, por morte de qualquer um dos dois.

Responsável pelo alargamento do território da Quinta da Louza.

FRANCISCO ROIZ D'ABREU (1818-1888)**

Médico. Foi um influente político e líder nominal do Partido Progressista Abrantino.

Casado com Leonor Emília Abreu e Pai de José Eduardo Solano de Abreu.

LEONOR EMÍLIA ABREU (1829-1912)

Afilhada mas filha de Brás Consolado.

Casada com Francisco Roiz d'Abreu (médico em Abrantes) com quem conduz o 2º período de engrandecimento da Louza (romântico).

Mãe de Francisco Solano Abreu e Tiago Solano Abreu.

*Cidadãos por Abrantes (blog): 2019.11.03

** Cidadãos por Abrantes (blog): 2016.10.21; 2015.04.12.

FRANCISCO EDUARDO SOLANO ABREU (1859-1941)

Político, Presidente de Câmara, Poeta, Escritor, Benfeitor, Provedor da Misericórdia. Figura inolvidável dos séculos 19 e 20 de Abrantes. Filho de Leonor e Francisco Abreu.

Fez construir em Abrantes a Quinta do Vale de Roubam onde eram evidentes, nos jardins e lagos, os ensinamentos e inspiração que foi buscar à Quinta do Valle da Louza.

TIAGO SOLANO ABREU (1862-1939)

Lavrador abastado. Ficou proprietário da Quinta por falecimento de Leonor Emilia Abreu ainda que já em 1900 a sua marca fica expressa na obra de abastecimento de água à casa a partir de montante junto à ribeira da Louza.

7. Enquadramento arquitetónico e paisagístico

7.1 *O espaço. Trabalhos e visão do fundador*

Ocupa um pequeno vale, moldado em terraços por Manoel Constâncio, que cobrem e anulam a evidência física, da linha de água, que por ele corria.

Os terraços dispõem-se por isso mesmo, ao longo do vale em socalcos sucessivos, no sentido descendente, a partir do tanque de cima, em direção à várzea da Ribeira da Louza, acompanhando por isso a orografia original do terreno

É nos terraços que foram implantados os jardins as hortas.

Um caminho periférico, envolvente deste conjunto de terraços, permite o caminhar e contemplação tanto da atividade agrícola, como o contacto com a natureza e o repouso nos jardins. O mesmo caminho servia de acesso aos mais patamares, dispostos junto à várzea, destinados às culturas anuais, árvores de fruto e vinhas.

Correspondia à visão da época da quinta de lazer, de prazer, e estar e porque não d e percurso a que se associava uma atividade agrícola primária, de sustentabilidade circular do proprietário e família, bem como do pessoal que zelava e mantinha a propriedade.

Não podemos excluir a influência que, a Residência Real de Queluz, terá tido nas opções do cirurgião Real Manoel Constâncio, uma vez que ali se deslocava frequentemente chamado pela Rainha.

Foi imensa a dimensão da área, na fase da construção inicial, onde houve movimentação de terras*, remoção do solo arável e escavação da rocha o que, tendo em conta os meios de transporte e nivelamento da altura, revelam uma vontade indômita de moldar o espaço, a dimensão dos recursos humanos a que isso obrigou e consequentes custos.

7.2 *O espaço. Trabalhos no alargamento no séc. 19. Visão*

O espaço cresce durante todo o século, mas agora, só como zona de lazer.

Os proprietários que sucedem a Manoel Constâncio são gente de posse, que vão buscar a Brás Consolado e à herança de Manoel Constâncio, por força do casamento daquele com Maria Margarida, a capacidade de agregar novas terras (essas com fins eminentemente agrícolas e florestais) e prolongar o espaço com mais jardins e novos espaços de hortas.

Segue a mesma tipologia, socalcos sucessivos, mas agora abertos ao exterior, expostos portanto, às gentes que passavam por perto ou que a visitavam.

*Estimado um valor de 20 000 m3 movimentados

7.3 As casas

Dispostas segundo 2 riscos (um risco que diz respeito ao celeiro, casa de Manoel Constâncio e casas dos serviços e um 2º risco das casas dos criados e arrumos mais acima, do Século XIX).

Todas elas viradas a Sul, criando uma rua que é o início do deambulatório que, já referido, percorre toda o espaço que sofreu a intervenção.

Esta disposição não está em conformidade com uma quinta tradicional da região, correspondendo por isso, a um conceito "trazido de fora" reforçando a ligação da visão e influência de Manoel Constâncio ao que observava nas Quintas que visitava em Lisboa e arredores.

7.3.1 Casa do fundador

Tipologia

Na sua configuração original, num piso térreo, dispõem-se 6 divisões* perfeitamente idênticas, sendo 3 no sentido longitudinal por 2 no sentido transversal. A planta corresponde a um retângulo de 10 m por 13,5 m (medida no sentido da rua).

Todas as divisões comunicavam entre si por 2 ou 3 portas dispostas no centro da parede comum, da divisão contígua. As portas interiores são ainda hoje, as originais.

Nas divisões são identificáveis as funções originais de cada uma delas

Construção do conjunto casas e celeiro: paredes em alvenaria (pedra argamassada com cal), rebocadas e caiadas a cal.

A casa original foi construída independente do Celeiro mas solidária com as duas casas dos serviços para Nascente***.

Muito provavelmente a construção do celeiro (a poente) precede a das casa do fundador****.

Acresce o facto de Manoel Constâncio ter, na altura, outra casa nas proximidades (Lugar de Folques/Sentieiras), levando a crer que nela se teria albergado aquando da construção da sua Quinta do Valle de Louza, isso permitiu-lhe ter começado as obras pelo edifício do Celeiro, onde poderiam pernoitar os muitos trabalhadores das obras em curso.

*As dimensões interiores de cada divisão são 3,9x3,9m

**Paredes com um largura de 0,7 m

***O levantamento do reboco na zona da união entre a casa e o celeiro revelou essa separação, descontinuidade das paredes, ainda que a sua seja a mesma logo construídas pela mesma altura. A continuidade das paredes, sem separação, com as casas de cima, mostra que foram feitas ao mesmo tempo

****O diferencial (em altura) entre os 2 planos dos chãos reforça esta leitura. Certo é a construção separada das 2 obras+

Sala de entrada

A entrada a partir da rua faz-se por porta ampla com postigo de ombreiras e lintel em pedra calcária.

Esta sala comunica com a cozinha e sala decorada. Poderia por isso funcionar como sala de comer e estar no dia-a-dia.

O chão é revestido por lajes* de pedra calcária rosa, muito possivelmente com origem na Serra de Tomar. Algumas das pedras ostentam marcas que se referem ao seu posicionamento que demonstra terem sido feitas sob encomenda e com plano de construção.

Lambris de azulejo em tom de azul-cobalto.

Teto em madeira ripada.

Sala decorada (nobre)

A sala comunica com a sala de entrada com a capela e com a sala contígua à cozinha pelo lado Norte.

Também lajeada em pedra, da mesma origem da sala de entrada Lambris em azulejo.

Teto decorado com tela pintada com motivos religiosos nomeadamente os Ramos, Bíblia, Arca da Aliança que evidenciam a crença de Manoel Constâncio.

Provavelmente nos fins de Século XIX e por ocasião de um acontecimento especial como seja um casamento¹, foi aberta 2ª porta de entrada para a rua, decorada por cantaria em estilo clássico rebuscado, substituindo uma das 2 janelas para a rua** (Sul), abertas por altura da construção da casa.

*Dimensões, variáveis, que atingem os 1,5 m na dimensão máxima. Algumas delas foram restauradas uma vez que as raízes do plátano (em frente) as racharam

¹ Em 19 de Novembro de 1897 casou-se, na Quinta, um ilustre Abrantino (por adoção) o Sr Jacinto Carneiro com D. Maria Alexandrina Pacheco d'Almeida, sendo na altura proprietários da Louza o Sr. Tiago d'Abreu e esposa D. Maria Cândida. Evento revelador do prestígio que a propriedade tinha junto da aristocracia de Abrantes. Zaara

***A outra é a da capela

Capela

Perfeitamente inserida na casa ocupando a divisão extrema no lado ocidental com janela para a rua.

Construída como se fosse um imenso oratório em, que o altar e crucifixo, podem ser fechados a partir de 2 portas decoradas.

“A estrutura do retábulo repete a ideia de um pequeno templo, composto por quatro pilastras estruturais, encimando capitéis estilizados que suportam o teto numa forma de abóbada. As pilastras desenvolvem-se retangularmente e são decoradas com reservas centrais em estofado, sendo as frontais decoradas na base dos capitéis com volutas e borlas. As pilastras integram-se no conjunto numa solução de perspetiva, para evidenciar o seu volume, técnica comum ao período neoclássico, com objetivo de concretizar um efeito cenográfico e de ilusão em “trompe l’oeil”. Os capitéis são pintados numa tentativa de imitar o mármore. A decoração do retábulo situa-se num período e estilo que nacionalmente se denominou de «D. Maria», é caracterizado pela utilização de elementos naturalistas, particularmente flores”*

O pavimento é decorado a partir de lajes de pedra em tons de cinzento-escuro cruzadas, em quincôncio, com lajes cinzentas mas mais claras como se fosse um tabuleiro de xadrez.

Rodapé em azulejo do terceiro quartel do Séc. XVII.

Junto e central com o altar, em campa rasa, encontra-se o túmulo do fundador da Quinta cuja epígrafe*** se transcreve

“ AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAIS DE MANOEL CONSTÂNCIO RESTAURADOR DA CIRURGIA PORTUGUEZA ESCUDEIRO E CAVALLEIRO FIDALGO CAVALEIRO PROFESSOR DA ORDEM DE CRISTO CIRURGIAO DA R. CÂMARA E CIRURGIAO DO EXERCITO LENTE DE ANATOMIA NASCEO EM 1725 E FALLECEO EM 1817 ”*

A decoração da capela apela à morte e ressurreição; o desejo de nela ser enterrado evidencia a fé e querer de Manoel Constâncio e a forma como preparou a sua morte

A janela para a rua é gradeada, com uma configuração em barriga, instalada provavelmente, por altura das Invasões Francesas****

*Pde FRANCISCO JOSÉ ESTEVES VALENTE in ZAARA, novembro 2009 n°14 - a Capela da Quinta do Valle da Louza

**Incorreção a data de nascimento, registada, é de 4 de Abril de 1726

***Atribuída ao médico Francisco Roiz de Abreu

*Configuração comum nessa época como elemento de segurança. Os Franceses passaram perto, na aldeia das Sentleiras mas, porque já perto de Abrantes (onde abancaram) terão apressado o passo e não consta que a Quinta tenha sido “visitada” pelos homens de Junot.

Quarto contíguo à capela

Considerando a religiosidade do fundador, é previsível que tenha sido o seu quarto, dado o acesso direto à capela.

Se num primeiro momento este quarto comunicava, com a sala contígua através de uma porta ao centro, posteriormente, foi transferida para um dos cantos permitindo que a cama se situasse numa posição de onde poderia, através da outra porta, observar o altar, muito provavelmente até nos seus últimos momentos de vida.

Quarto contíguo à cozinha

Corresponderia a um quarto de dormir talvez ocupado pela sua filha que o acompanhou quando saiu de Lisboa para a Quinta.

Como se descreve, mais adiante, esta passaria a ter um quarto no andar superior quando, à casa, foi acrescentado um andar.

Cozinha

Com acesso direto para o exterior e para a sala de entrada.

Chão em lajes do local.

O lar de chão da lareira era inicial, em pedra granítica; foi mais tarde subido, usando as mesmas pedras, agora assentes sobre 2 arcos em tijolo o que tornou a cozinha mais funcional*.

Comunicava com o quarto contíguo por uma porta ao centro, que foi tapada quando é construído o 1º andar da casa. No seu restauro foi a descoberto e deixada uma janela de memória.

Por essa altura foram descobertos os encaixes na parede, que permitiram a montagem dos andaimes para fazer subir as paredes, aquando do acrescento do 1º andar.

*Talvez a partir do momento em que passa a ser habitada em permanência (depois da 1ª invasão Francesa em 1807)

*Encontravam-se tapados toscamente, em tempos mais recentes, donde terem sido deixados na sua forma inicial quando do restauro da cozinha

Móveis da casa primitiva

Tremó

Peça que pertencia à casa original.

Ainda que a sua disposição corrente fosse entre 2 janelas, não se vislumbra que tivesse sido uma aquisição com esse objetivo.

Nessas circunstâncias tudo indica que tenha sido uma oferta valiosa. Como hipótese, poderá ter sido uma prenda de D. Maria a Manoel Constâncio, considerando o apreço que a Rainha tinha pelo seu cirurgião.

Como referência atenda-se à similitude com idêntico mobiliário da mesma época, do Palácio Nacional de Queluz.

Finamente trabalhado com destaque para a Fénix.

Cama de Manoel Constâncio

Estilo D. João V em pau-brasil.

Mandada fazer a propósito para Manoel Constâncio tendo em conta a religiosidade da gravação na cabeceira, uma cruz decorada.

Abastecimento de água à casa

Fazia-se inicialmente de forma permanente a partir do tanque de cima. Da caleira, que corria na proximidade da casa e a partir desta, derivava um ramal que mantinha cheio um pequeno tanque na sala de entrada* onde os habitantes da casa se iam abastecer.

Com Francisco Roriz Abreu (antes portanto do seu falecimento em 1888) foi construído a norte da casa, junto à ribeira da Louza, um poço transbordante interligado com uma mina e um extenso canal (cerca de 260 m) que conduzia a água até à fonte do Plátano em frente da casa.

Foi reparada e reforçada mais tarde, com conclusão em 10 de Junho de 1900, sob ordem de Tiago Abreu.

*Que se manteve pelo menos até ao 2017; situado à direita de quem entra pela porta principal.

**Tanque no interior da parede à direita da porta da sala de entrada com abertura suficiente para a entrada de um púcaro

*Não abrangida no espaço a classificar mas testemunho do esforço permanente de todas os proprietários em vencer as naturais carências, da Quinta, em água.

Evolução da casa primitiva

A vinda frequente à Quinta, por parte de Manoel Constâncio e filhos e consequente necessidade de alojamento, fez crescer, em altura, a casa*.

É previsível que esse acrescento se tenha feito antes de 1797 ou 1795, ocasião em que na quinta esteve na Quinta Manuel Maria do Bocage com Quinta com Pedro Constâncio e eventualmente com Francisco Constâncio** e já estariam criadas as condições para os receber.

Para acesso, ao 1ª andar, foi fechada a porta central da cozinha, aberta uma outra lateralmente e construída uma escada.

O fecho dessa porta central encontra-se testemunhado por uma “janela de memória”, que a deixou visível aquando do restauro da cozinha em 2007.

A subida do telhado foi aproveitada para construir um sótão onde se situava o esconso*** que acoitou Bocage. O acesso fazia-se através do fundo falso de uma estante. Uma claraboia criava as condições de alguma habitabilidade, ao esconderijo, para onde se recolhia o poeta quando se suspeitava de agentes de Pina Manique, em perseguição do poeta, andassem por perto.

Quarto da Maria Margarida decorado (1ª andar)

Um dos quartos destaca-se pelo rodapé em azulejo. É previsível destinar-se à filha de Constâncio****.

Os outros quartos, mais um livre em baixo, seriam destinados aos filhos de Manoel Constâncio.

*Quando da reparação do sótão da casa foi possível perceber que o telhado, deste 1º andar, descansava num nível mais baixo correspondente à altura da 1ª construção. Mais tarde, século 19, quando o celeiro foi também acrescentado em altura, obrigou ao alinhamento das “águas” do telhado e a parede foi acrescentada.

**Bocage ou o elogio da inquietude – Daniel Pires, Imprensa Nacional 2020

***Tradição oral da casa

****Este afastamento, na habitação, do quarto do pai, configura a influência e proximidade com as ideias que vinham de França. Luís XV instituiu, no seu palácio de Versailles, este conceito de apartment contra uma relativa promiscuidade anterior, na repartição do espaço, da família real.

7.3.2 Casa dos criados e caseiros

Com a casa original fazem parte do mesmo conjunto*; partilham o mesmo alinhamento, paredes e telhado**.

Identifica-se 2 fogos. Um com uma cozinha (lar de chão)/sala de comer mais 3 quartos que poderiam constituir habitações permanentes dos criados da casa e ainda um segundo fogo com cozinha (lar de chão)/sala de comer e um pequeno quarto que serviria o caseiro.

7.3.3 O celeiro

Ocupava uma área*** de 240 m². O seu piso encontra-se num plano inferior em 0,5 m relativamente às casas contíguas, que reforça a ideia já descrita, que precede a construção das casas.

O telhado dispunha-se, originalmente, segundo o prolongamento das casas de habitação e era suportado por 3 pilares, dos quais persistem 2, sendo que o terceiro foi anulado por coincidir com uma das paredes da entrada de acesso ao piso superior construído posteriormente.

O acesso fazia-se a partir de 2 portas. Uma virada, funcional, a Sul e uma Norte.

Porta a norte

Foi fechada mas é visível o lambril superior em pedra que se manteve.

De largura curta pois estava virada a Norte e o celeiro não devia receber as aragens daí vindas.

Vizinha da porta da cozinha para fácil acesso ao celeiro

No seu interior, no lado poente, localiza-se a lagariça, toda em pedra calcária dura, de dimensões avantajadas****, demonstradora da importância que Manoel Constâncio dava à vinha e ao vinho e quanto isso reforçava o seu prestígio na capital do Reino.

*Ocupam um área de comprimento 14,5 m x largura 10 m

** Um mesmo e único risco: celeiro, casa principal e casas do caseiro e criados

***Com um comprimento exterior de 23,8 m e uma largura também exterior de 10 m

****Com 3,5 m x 3,5 m e altura 1,2 m. Espessura das pedras é 0,2 m.

Nela trabalhava um lagar de varas:

Lagar de varas

2 pesos do fuso de compressão, em pedra granítica local, ainda se encontram na quinta. Um no balcão da rua em frente das casas o outro no lago dos Recortes.

Distinguem-se, na parede Este, os encastres da vara (em pau) e do eixo. A vara era desenganchada para que a lagariça ficasse livre para outras funções nomeadamente para a pisa.

No lado oposto uma bica permitia que o mosto escorresse. Por baixo uma tulha profunda recebia o folhelho que restava do processo.

É admissível que fosse também usado como lagar de azeite..

A entrada da uva fazia-se por uma das 5 janelas gradeadas. A grade, com pequena porta, equipada de fechadura, que era aberta, por ocasião da vindíma, para entrada da uva diretamente para a lagariça

As outras 4 janelas possuem igualmente grades, a direito, distinguindo-se da grade, em barriga, da janela da capela o que aponta para que tenham sido aplicadas aquando da construção do celeiro para reforçar a segurança do mesmo.

O chão, na área de serventia da adega, era em terra*.

A adega manteve-se, como tal, após a construção do primeiro piso sobre a adega, até metade do Séc. XX.

No extremo oposto, do celeiro, situavam-se 3 tulhas**, também em pedra calcária, ocupando quase toda a parede. Teriam serventias múltiplas: armazenamento de cereais, salgadeira, azeite***, etc.

No início do século XX foram derrubadas para abrir uma porta de acesso cómodo à cozinha contígua (da casa principal ao lado) uma vez que, no espaço das tulhas, foi construída uma pequena sala de estar e de comer e ao lado um quarto****.

As pedras, pela sua dimensão e peso, permaneceram no local e constituíam parte do chão dessa sala.

*Usual nas adegas tradicionais da época.

** Cada 2,5 de comprimento x 1,2 m de largura x 1,2 m de altura

*** Uma das tulhas, a do canto, destinava-se seguramente ao azeite pois, na Primavera de 2016, uma das raízes dos plátanos, em frente da casa, introduziu-se entre as pedras e fez levantar uma delas despertando o aroma encerrado, facilmente reconhecível, do azeite.

****Razão pela qual foi tapada a parte Norte, do celeiro, de serventia à cozinha.

7.3.4 Casa Grande (solar)

Evolução

Com a transmissão da propriedade para a enteada da filha de Manuel Constâncio, Leonor Abreu, fez crescer o celeiro no seu todo e acrescentou o primeiro andar que se manteve até aos dias de hoje, conferindo-lhe o caráter solarengo.

A propriedade, agora já bem visível da estrada, abre-se por isso ao exterior mas reservando, a intimidade do vale, para os habitantes da casa-

Tipologia

A entrada da casa faz-se a partir da porta original da adega

Para acesso ao andar superior (em baixo ficaram a adega e loja) foram erguidas duas paredes, criando um amplo átrio de entrada, no fundo do qual, uma escada, acede à parte de cima.

Em cima, a partir de um segundo átrio, distribuíam-se as divisões que se unem por uma correnteza linear de portas, tornando visível toda a casa quando abertas. Conforme o número de habitantes, assim se iam abrindo novos quartos a partir das salas principais ao centro.

Construção

Soalho de madeira sobre traves de carvalho.

Teto em ripado de pinho com assentamento direto das telhas-

Paredes exterior em pedra argamassada com cal; interiores em tabique.

Portas decoradas em "trompe l'oeil" criando a ilusão dos veios de madeira à vista-

Quarto principal

No extremo Poente da casa, originalmente a toda a largura da casa, decorado com lambril em azulejo-

Sala de comer do dia-a-dia

Peculiaridade de 2 armários de canto com mesa (de 2 pernas) rebatível para o seu interior, que fica escondida quando fechadas as portas.

Sala de jantar formal

Ampla. Dotada de varanda, para a rua, com guarda em ferro forjado.

Restantes divisões

Compostas por mais 2 quartos (um deles muito amplo para permitir receber várias camas) e uma sala de estar reservada para os 2 quartos poentes.

6.3.5 Casario do Séc. XIX

Casas dos trabalhadores

Na rua que subia para nascente (deambulatório), foi acrescentada uma carreira* de casas para os trabalhadores da propriedade (permanentes e temporários) e outras com funções agrícolas: casa dos bois, apoio da atividade, etc.

Estrebaria

Do lado esquerdo da casa foi construído o que configura ser uma estrebaria para os animais de transporte ou simplesmente para guarda das carruagens dos proprietários.

Um arco elegante e um portão preenchem o espaço entre a casa e esta construção.

Celeiro (posterior)

Do outro lado da rua existe uma arrecadação isolada**, construída no séc. XIX, que seria um pequeno celeiro*** de reforço da casa grande, quando o desta passou também a ter também funções domésticas ou deixou de poder conter os bens agrícolas produzidos nesta e outras propriedades perdendo, por isso espaço de armazenagem.

*Segundo um comprimento total de 37 m com uma largura média de 8 m.

**Dimensões externas largura 5m, 8m x comprimento 7,7m

***Não totalmente determinada a função desta casa. Atento-se que, nas traseiras, foi posto a descoberto porque coberta com terra solta, uma robusta mó em pedra que indicia que poderia ter servido para a produção no local de farinhas.

7.4 As construções exteriores

7.4.1 Visão Geral

Caminhos, jardins, pomares-jardim, arruamentos, hortas dispunham-se em socacos sucessivos acompanhando as características do relevo e de cada localização.

A sua criação, como já referido, permitiu o preenchimento das vertentes próximas da linha de água.

Um caminho, o percurso dos jardins do Séc. XVIII, circundava-os.

Todo o conjunto dos dois principais momentos de construção (séc.s XVIII e XIX) obedece à mesma lógica de desenho e ocupação do espaço.

7.4.2 Frente das casas

Uma rua larga, toda calcetada com seixo rolado, retirado dos terraços geológicos das colinas circundante, preenche o espaço frente às casas.

Do outro lado, três canteiros sobre elevados, dão o colorido desejado a quem os observa, quer do chão, quer da varanda e janelas do 1º andar.

No lado, dos dois primeiros canteiros, virados para a casa, estão inseridos seis bancos de repouso com costas decoradas na borda por faixa vermelha**.

Os dois plátanos, que dominam a frente da casa, foram plantados sobre estes canteiros, pelo que a sua construção os antecede. Os canteiros terão sido construídos, por isso, no primeiro quartel do Séc. XIX não sendo de excluir que a sua construção se tenha ainda feito sobre as ordens de Manoel Constâncio ou de sua filha Maria Margarida.

7.4.3 Balcão

No espaço adjacente à casa grande e no início-da rua encontra-se um balcão** que permite a contemplação sobre o vale.

É adornado com 7 colunas encimadas por vasos para plantas.

*Cal com óxido de ferro

**Terraço elevado sobre a encosta suportado por muro de altura na ordem dos 2 m.

7.4.4 Os jardins

Visão geral

Situavam-se ao longo do deambulato dispondo-se, tal como todos os outros espaços, de acordo com a orografia do terreno^(*)^(**).

São identificáveis dois tempos de construção e ocupando duas áreas distintas. Uma acima da casa, contemporânea das casas iniciais Séc.XVIII, com alguns facilmente reconhecíveis acrescentos posteriores e uma área, abaixo da casa, construída sucessivamente no Séc. XIX.

Refira-se que, em qualquer dos períodos, os bancos estão bem presentes em todos os espaços como que afirmando e confirmando uma das orientações construtivas da Quinta: o prazer de estar.

No assento dos bancos e degraus, no século XVIII dominou o recurso à lousa, no século XIX foi a tijoleira.

A discriminação que se segue, dos diferentes jardins, acompanha o percurso do deambulatório, quando ele se faz no sentido dos ponteiros do relógio.

O jardim das damas

Próximo da casa e logo no início do percurso, encontra-se um pequeno^{**} jardim que, pela sua dimensão, sugere o comum jardim das damas existente neste tipo de propriedades^{***} uma vez que é delimitado por muros e a sua vista "tapada" por canteiros e que o ocultam da rua.

Este jardim dispõe-se num plano superior sobranceiro a um terraço pomar/jardim, contíguo, que lhe serviria como espaço de contemplação. A importância deste espaço^{*} (o terraço) é visível no destaque que o construtor deu ao seu acesso: uma escadaria em lousa iniciada por arco fechado também em lousa.

^{*}"Cada jardim parece adquirir as suas características espaciais de acordo com as condições do terreno..."; Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Hélder Carita-Homen Cardoso, 1998-Pág.78

^{**}Como exemplo ver Quinta Mazzioti; Quintas e Palácios nos arredores de Lisboa, Anne de Stoop, pág 232, Livraria Civilização 1999

^{***}Dimensões: 15 x 15 m

^{****}"A obrigação de uma absoluta privacidade da mulher... determina certos jardins mais privados e protegidos..."; Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Hélder Carita-Homen Cardoso, 1998-Pág.80. Ainda que a aberto a novas idéias de Manuel Constâncio não é de excluir a manutenção desta tradição da tradição do jardim Português radicada numa cultura mediterrânea-Islâmica

Pomar-jardim de cima

Espaço fechado* com acesso a partir de uma única porta que salvaguarda o isolamento no seu interior. Muros altos (acima de 3 metros), construídos de forma robusta, com lajes de pedra xistosa local**. O conjunto configurando o Lusitano jardim (neste caso pomar-jardim) cripto mágico***.

Quadrado perfeito 50x50m.

No topo, central e dominando o espaço, o tanque principal, com uma boca de 11m, parecendo dentro mas realmente fora das linhas geométricas do quadrado gerado pelos muros. Acede-se**** por 2 escadas em pedra a partir do jardim.

No muro Oeste, 2 amplas janelas, como se fossem varandas, permitiam ao usufrutuário, do jardim-pomar, contemplar o vale. Janelas para o mundo mas resguardando o recolhimento e privacidade do seu interior.

Dentro, o privilégio de sentir aos aromas, gerados pelas laranjeiras, limoeiros e árvores de fruto comuns nestes espaços nos jardins da tradição Portuguesa e retidos pelo confinamento criado pelos muros.

Aos sentidos era acrescida os sons da água a cair no tanque principal***** e a correr nas caleiras que o atravessavam levando a água a toda a propriedade a jusante

*A abertura do muro hoje existente é recente e consequência da necessidade de acesso por trator para trabalhos Agrícolas

**A pedra tem origem na escavação do tanque e do próprio Jardim e mais tarde na conserva atendendo à lógica do menor esforço pela proximidade.

***Capítulo do Apogeu do Jardim Cripto Mágico e do maneirismo orientalista, Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Hélder Carita-Homen Cardoso, 1998-Pág.s 75.

****O único acesso a este tanque é feito, portanto, a partir do jardim que sendo fechado atesta como era importante um cuidado e circunscrito manejo da distribuição da água

*****Com origem na conserva e na fonte dos Passarinhos

Alameda da conserva

Acima e num plano superior ao Pomar-jardim de Cima.

A entrada da conserva (acesso à galeria de armazenamento de água) é feita subindo uma pequena alameda.

Alameda com bancos de descanso de ambos os lados. Distinguem-se duas idades: os primeiros, no início da alameda, são lajeados no assento, a "lousa" (contemporâneos da construção da conserva), e os seguintes a tijoleira (embelezamento do Séc. XIX).

O chão dispõe-se em degraus sucessivos e é calcetado a seixo pequeno rolado e decorado 8 raios em lousa disposta a cutelo. Cada degrau com cerca de 3 metros.

Os degraus são de laje e indiciam a sua igualmente a contemporaneidade com a construção da conserva.

A orientação da Alameda é rigorosamente Este-oeste.

Sendo assim, um observador, colocado de costas para nascente e numa posição anterior ao bico da parede de acesso à conserva vê, nos equinócios, o pôr-do-sol no alinhamento preciso entre esse bico e o eixo do ondulado da parede do tanque do pomar de cima (que recebeu a estátua de Afrodite no Séc. XIX). Foi deliberada essa orientação.

Pomar-jardim do meio

Situava-se mais abaixo, noutra terraço. Seguia a escada natural do declive do vale. Foi configurado em função do percurso do deambulato pelo que tem uma forma trapezoidal.

Fechado*, também de muros altos, acede-se por 2 portas laterais igualmente fechadas. No topo existe um tanque com a função de armazenar e distribuir a água que provém de mina e das sobras.

Tal como o pomar-jardim de cima possui uma janela.

*Tal como no jardim-pomar de cima a abertura no muro hoje existente é consequência da necessidade de acesso por trator.

Crescimento dos jardins no Séc. XIX

Já no século XIX, a partir do pomar jardim do meio e para baixo, foi acrescentado, pela mão de Leonor Emília Abreu, uma série de novos espaços como lagos, tanques, fontes e jardins.

Não se ocultavam, como os anteriores, dos olhares de quem passava na estrada antes pelo contrário expunham-se ao exterior.

Eram essencialmente lugares de prazer; não aliavam o lado útil à sua função.

Assim, sucessivamente, vamos encontrando o lago dos recortes, o enleio, a fonte da carantonha, o tanque das lavadeiras (este com um fim útil porque servia os habitantes), o jardim das rosas e finalmente a nora.

Todos os espaços seguindo a lógica implementada por Manuel Constâncio, de terraços ao sabor dos declives naturais do terreno.

Centremo-nos sobre os jardins:

Labirinto ou enleio

Constava de um labirinto em sebes de cedro jovem com um percurso que pacientemente era mudado pelo jardineiro todos os anos.

Foi mantido até aos anos 50 do Séc. XX.

No lado oeste os cedros foram deixados crescer e dois deles, já adultos, hoje, preservam o entrelaçamento dos ramos feito pelo jardineiro.

Jardim das rosas

Bem no fundo da encosta, acessível por duas escadas, em redondo com degraus em tijoleira,* muito degradada e uma abertura a Sul, rodeado, na periferia, por sebe em buxos, encontra-se um espaço onde dominavam as roseiras das mais aromáticas

Ao centro um pequeno lago com repuxo.

Na periferia, alguns bancos inseridos nos muros, permitiam ao visitante usufruir da intimidade do espaço e da concentração de aromas.

*Que reforça a datação da construção, do espaço, no Séc. XIX

7.4.5 As obras hidráulicas - Legado de Manoel Constâncio, Armazenamento e prazer

Correspondem, no seu todo, ao período de construção da Quinta, no Séc. XVIII, sob orientação de Manoel Constâncio, nomeadamente:

A conserva

Obra única na região tem, nesta memória, um destaque que acompanha a sua importância

Contexto

Se o trabalho de Manuel Constâncio, na capital do Reino, se centrou na anatomia e na prática consequente de cirurgião isso não o impediu de manter uma relação estreita e permanente com a terra onde nasceu.

Logo que pode adquiriu terras contíguas ao casal dos seus pais e construiu nos Folques (Sentieiras - Abrantes) a sua primeira quinta.

Não coube nesse primeiro espaço a dimensão e ambição do Sangrador (1754), em breve diplomado Cirurgião (1758).

Por essa altura tem já condições para construir uma nova quinta mais de acordo com o prestígio e estatuto social que lutou para adquirir.

A largueza do Valle da Louza respondia, bem melhor, ao que queria fazer para si, na sua terra, junto das suas gentes.

A escassez de água na Louza contrastava com a abundância desta nos Folques. Nada que não fosse superável pela sua "constância" e inteligência. Também não lhe faltavam as fontes de conhecimento e inspiração nas obras das Águas Livres que percorriam Lisboa por esses tempos (1732-1799).

Em 1758* começou por construir o tanque* que alimentaria todo o sistema de distribuição de água** pela propriedade. Eram muitas as hortas, jardins, lagos, pomares que, numa lógica de interligação com outras fontes e na sábia condução dos "sobejos", pretendia que fossem suportados por essa fonte disposta no plano superior da quinta.

*Data da inscrição na parede sobranceira ao tanque

**Ver capítulo sobre o mesmo

Para o seu enchimento, o tanque, recebia as águas de uma mina* e de uma das nascentes da encosta**, cuja caleira de condução, da água até ao reservatório, funcionava também como coletora da água da chuva acrescentando o caudal de alimentação. Neste caso a água caía, sobre o tanque, de uma altura de 3 m, criando um ambiente de bucólica sonoridade tão ao gosto da época e em linha direta com a herança cultural Islâmica, bem presente nos nossos medievos hortos e pomares-jardim de estar e prazer.

Não demorou muito até perceber que as fontes e caudais de que dispunha não respondiam às necessidades da propriedade ainda para mais em contínuo alargamento.

A solução para o abastecimento de água

Era vital encontrar outras fontes para a água. A estrutura geológica, da colina e vale (xistos grauváquicos), não favorecia a captação de água com recurso a minas e nascentes naturais não existiam.

De novo a argúcia e “constância” foram os elementos chave para a solução da dificuldade.

Se a água não brotava da terra ao longo do ano havia que a recolher e guardar quando a Natureza, no Inverno, a colocava á disposição com fartura.

Não esperou muito Manuel Constâncio e em 1779, já Lente de Anatomia (1763) e com outros cabedais e rendimentos, deu início à construção a montante do tanque principal, de um reservatório de água que lhe permitia reter a água que necessitava ao longo do Estio.

Mas para isso havia que manter sem destruir toda a obra entretanto construída nomeadamente o tanque principal***. A solução passou por construir mais acima uma galeria, de grandes dimensões, que passa a funcionar como reservatório de armazenamento de água.

*Construída segundo o modelo e dimensões do que era e ainda é a tipologia de obras idênticas da região. Galeria estreita o suficiente para a entrada de um homem na progressão pela procura e coleta da água reduzindo ao mínimo o volume da terra removida visando a redução do esforço humano na construção

**Ver mais à frente descrição da Fonte dos Passarinhos

***Ver descritivo do tanque do pomar-jardim de cima adiante

A entrada, da nova galeria, dista 20 m do tanque principal e desenvolve-se, em linha reta, para o interior da colina segundo um comprimento de 115 m.

O término da galeria corresponde, segundo a vertical mas no subsolo, ao limite* nesse tempo da propriedade da Quinta do Valle da Louza, facto que ilustra a verticalidade de Constância.

A obra tem no seu início uma largura de 2,0 m que se alarga, progressivamente, até aos 3 m. A altura varia entre os 3,5 m no começo (em abóboda) até aos 3m no fundo

Em momento posterior, foi-lhe acrescentada uma sala, aos 65 m sobre a esquerda, de configuração trapezoidal com um comprimento de 15 m por uma mediana de 4 m.

O volume total máximo armazenado, dentro da conserva, é de 850 m³ o que permite renovar o tanque principal por 20 vezes ao longo da Primavera e Verão.

Encontra-se orientada, naquilo que só pode ser um ato de vontade, em perfeita harmonia com o sol nos seus equinócios (Nascente - Poente)**

Nos primeiros 20 m, o teto, desenvolve-se em arco redondo de tijolo rebocado e do mesmo modo as paredes. A partir daí a solidez da rocha garantiu aos construtores, prescindir do arco contínuo de reforço e deixar a rocha à vista. Porque a robustez do xisto vai aumentando à medida que se avança na galeria, o Mestre das obras optou por alargá-la sem acrescer o risco de aluimento.

Para reforço pontual do teto, encontram-se dispostos a espaços, 8 arcos em redondo, de tijolo.

Em toda a sua extensão as paredes laterais são de alvenaria bem rebocada com massa fina, onde foram dispersos pigmentos de óxido de ferro.

Para remover o entulho e pedras da escavação, hoje distribuídas pelas obras da quinta, foi construída uma rampa entre a boca da mina e o tanque principal. A quantidade de material extraído (perto de 2 500 ton de rocha) obrigou à utilização de tração animal para tal. De modo inverso essa metodologia foi seguramente usada nos trabalhos de acabamento das paredes e teto agora para condução dos materiais para o interior da galeria

*Linha do topo da colina da conserva

**Ver Alameda da Conserva

Uma vez concluída a escavação, a boca da mina foi tapada com uma parede de contenção da água, equipada com válvula de descarga de fundo*, cujo acesso se faz por escada de pedra a partir da superfície.

É esta parede que é a obra visível da Conserva mas que esconde a dimensão do que lhe está por detrás.

Construída em alvenaria encimada por arcos e contra-arcos simétricos terminando em ponta. Idêntica forma vamos encontrar na Fonte das Casas. O acesso ao interior faz-se por porta lateral seguida de escada em pedra até à soleira da galeria.

À frente desta parede, o espaço correspondente à rampa de serviço, uma vez entulhada, deu origem a uma pequena alameda que nos conduz, desde o Belveder da quinta, até ela. Entre a mina e o tanque a água corre através de uma pequena galeria 0,6 x 0,7 m que se liga de forma direta com a bica do chafariz do tanque principal.

Finalmente, o modo como chega a água à conserva faz recurso da água da chuva que cai na encosta acima da conserva, uma vez que não tem qualquer expressão a água que se infiltra através do teto da galeria.

Para a cabeça da conserva converge uma muralha de pedra, com 2,5 m de altura. Esta é dividida por dois braços dispostos perpendiculares ao eixo da galeria cruzando-se com ela na entrada da mina. Um braço orientado para Norte com 35 m e um braço 65 m orientado para Sul.

A água recolhida na encosta, a montante desses braços, tem duas formas de chegar à conserva. Uma, derivada de escoamento superficial, transborda dos muros ou sai nos orifícios de drenagem e cai numa caleira/vala, a jusante da muralha que a acompanha e vai entrar na parede frontal da galeria. A outra água, que entretanto se infiltrou, é contida na mesma pela muralha e conduzida por detrás desta até um chafariz que descarrega diretamente para uma grande taça em pedra (de novo o efeito sonoro da água a cair que vai ser repetido mais a baixo no chafariz do tanque) e desta, por transbordo, para o interior da conserva. Nas paredes laterais, no início da galeria, foram dispostos alguns orifícios para saída da água de infiltração do plano vizinho da galeria.

Considerando a área da encosta determinou-se que o sistema permite recuperar 10% da água que aí cai anualmente.

*Em latão.

Para manutenção e limpeza dispõe, a conserva, de um poço de visita posicionado logo por detrás da parede frontal através do qual foi possível fazer descer os meios para efetuar essas tarefas.

Toda a obra é reveladora de um conhecimento e experiência que, claramente, vem de fora da região e que nela não tem equivalente. Bebe Manuel Constâncio de forma direta ou indireta nos trabalhos das Águas Livres e fica por esclarecer o envolvimento direto, na construção da conserva, de um dos arquitetos da obra de abastecimento de água a Lisboa, que seguramente conviveu com Constâncio, considerando o prestígio e relacionamento com a aristocracia e corte que o nosso Cirurgião já detinha por esses tempos.

É portanto um obra única, de fôlego e de expressiva grandeza para a região que reflete a dimensão, intuição e conhecimento de Manoel Constâncio, para além do sua carreira enquanto cirurgião e Lente de Anatomia.

Demorou 10 anos a sua construção. Após a sua conclusão, o Páreo da cirurgia portuguesa mandou colocar um painel de azulejos policromados, que nos quer fazer lembrar do apreço que teve pela obra, da expressão da sua vontade e da extensão do trabalho:

"Em 1779 principiei esta hobra e concluí em 1789. Manoel Constâncio"

Tanque do jardim-pomar de cima

A partir deste tanque* que recebia, predominantemente, a água da conserva, fazia-se a distribuição de água a toda a propriedade

Da fonte dos passarinhos, era também conduzida aí, um fio de água que se precipitava, de uma altura de 4 m, através de um tubo de ferro fundido, criando um murmúrio que ecoava por todo o enclausurado pomar-jardim de cima.

O tanque é ladeado por paredes altas e bancos de descanso e insere-se dentro de uma linha arquitetónica do nosso Barroco tardio.

Ao centro, uma pia-bica seguida de pia recebe a água da conserva gerando mais um murmúrio de queda de água. Por cima desta uma placa com a data de construção: 1768.

Na vertical da pia o arco cimeiro recebeu, no séc. XIX, uma estátua de Afrodite para embelezamento do local.

Nos cantos laterais frontais e parede frontal, 4 colunas encimadas por capitéis singelos. Nos laterais foram, mais tarde, aplicadas 2 bustos representando a duplicidade Feminina/Masculino.

O tanque possui igualmente uma caixa de recolha dos peixes no caso de vazamento para limpeza ou manutenção.

Origens da água

A – Fonte dos passarinhos e Muro da tanque do pomar de cima

No deambulatório, na vereda acima do pomar de cima, imediatamente antes da alameda da conserva.

Talvez tenha sido o ensaio, precursor do sistema de recolha das águas da conserva.

Uma caleira vinda da fonte dos passarinhos recebe as águas desta e funciona como barreira das águas que escorrem, à superfície do terreno e abaixo deste.

Aberturas permitem seguir visualmente o cursos da água ao mesmo tempo que dão acesso a caixas de decantação das areias e terras que a água arrastasse.

Esta caleira, imediatamente a seguir à fonte dos Passarinhos, passa por um dos degraus da escada que dá acesso à vereda que segue para Nascente. Escada em lousa que atesta a sua construção no Séc. XVII.

**Permite armazenar cerca de 50 m³ de água.

B - Conserva

Recebe a partir de uma válvula inferior do topo da galeria da conserva. A esta válvula, tem-se acesso a partir da alameda, e por escada, em degraus salientes da parede de pedra. Uma porta no solo, em chapa de ferro com cadeado, fecha esse acesso dada a importância extrema que o conveniente e regrado uso da água armazenada, tinha para toda a propriedade.

Tanque dos Leões

Em frente à casa principal.

Teria essencialmente um lado lúdico contemplativo e amenizador da temperatura em frente à casa principal

A sua nobreza é acentuada pela decoração dos topos dos muros com tijoleira em espinha.

Posteriormente, Com Leonor Emilia Abreu são assentes, nas arquivoltas da parede de fundo, 2 leões e uma ninfa em terracota com a inscrição NAIADS (nínfa na mitologia grega) na parte baixa.

Possui, como o tanque do pomar jardim de cima, caixa para recolha dos peixes que o povoavam.

Origem da água - Conserva

No fim do longo fio de água com origem na conserva, que passava pelo tanque do pomar de cima, fonte da casa e no final, por sifão, chegava ao tanque.

Tanque do pomar do melo

Singelo, em alvenaria, tinha uma função essencialmente agrícola recebendo água de uma mina e das sobrantes provenientes da caleira com origem na conserva quando não se tornava necessário encher o tanque dos Leões

A - Origem da água - Mina do tanque do pomar-jardim do melo

Foi feita uma mina^{*}, por altura da cobertura, para nivelamento, da linha de água, que desembocava no tanque do pomar-jardim.

^{*}De comprimento apreciável (50 m) segundo relato do Sr. José último feitor da quinta

B - Origem da água - Conserva

O longo percurso da água, com origem na conserva, podia se intersetado antes do tanque dos leões e conduzido a este tanque que recebia também as sobras do tanque dos leões quando este estava cheio*.

Legado de Manoel Constâncio. As fontes

Como as restantes obras hidráulicas conjugam o prazer de estar, ver e ouvir com a sua função prática. São elas:

Fonte das Casas

O desenho** do cimo assemelha-se ao da Conserva*** que reforça a contemporaneidade das duas obras.

Situa-se em frente às casas dos serviços. Abastecida a partir de uma caleira em pedra granítica. Com bica e pia que, uma vez cheia, transbordava e seguia para o tanque do pomar-jardim do meio.

Envolvendo a pia, muito provavelmente no século seguinte****, foi construído um acesso em escada, com função decorativa, disposta em sucessivos degraus arqueados.

Origem da água - Conserva

A mesma da fonte da casa.

*Antes da bica do tanque, recebia a água do ladrão do tanque dos leões, que corria em caleira coberta enterrada até ao nível da mina.

**Duas arquivoltas terminando em bico

*** A tipologia desta fonte não se afastará de outras da mesma altura. Tome-se com exemplo a fonte do largo da Igreja da Sra de Brotas, Brotas/Mora

**** Os trabalhos de restauro, em 2007, constatou-se uma separação clara entre a parede da fonte e os degraus que suporta a construção dessas partes em dois tempos.

Fonte dos Passarinhos

Encerrada* no fundo e lateralmente e aberta para o deambulatório por portal em arco. Era integralmente, no seu interior, decorada com motivos campestres hoje quase ocultos pelas caiações sucessivas.

Abóboda assente sobre 4 arcos com florão, em relevo, no ponto de encontro dos arcos.

Construída de forma a ecoar, o cair da água ,sobre a pia. Com bancos e decoração em azulejo com motivos florais.

A sua designação parece inspirada na Fonte dos Passarinhos em Sintra**, Manuel Constâncio conheceria a fonte, com o mesmo nome, por força das deslocações que terá feito a propriedades, que nessa Vila e arredores, possuíam figuras do Reino seus amigos.

Origem da água - Muro da Fonte dos Passarinhos

Usa o mesmo princípio da conserva. Uma barreira em alvenaria, corta e retém as águas que escorrem da encosta conduzindo-as à bica da fonte.

O muro neste caso era oblíquo relativamente ao eixo da casa da fonte.

Fonte do Canto

Já no troço descendente do deambulatório e após as escadas deste, encontra-se uma fonte discreta. Tinha associada um tanque, no terraço contíguo, que armazenava a água do ladrão da fonte.

Difícilmente a água lá correria fora da altura das chuvas. A sua construção só pode ser entendida no esforço de busca pela água.

Origem da água - Mina da fonte do canto

Em galeria acanhada seguia na direção do cume do vale.

Há muito, quase totalmente desmoronada por isso nunca deve ter tido papel efetivo na recolha de água.

*Casa do Fresco?

**É claro o esforço de reproduzir, à dimensão do local, elementos identificadores da obra original: os arcos da abóboda, fuga ao vazio na decoração do interior, a câmara de acesso e consequente contenção espacial tão apreciada, nos jardins Portugueses, nos Séculos anteriores. Tratado da Grandexa dos Jardins em Portugal, Hélder Carli-Homem Cardoso, 1998- Pág.78-79

6.4.6 As obras hidráulicas – Século XIX, engrandecimento da Quinta

Correspondentes ao Séc. XIX, alargamento do espaço e embelezamento romântico, vamos encontrar os seguintes lagos, tanques e fontes:

Lago Oval

Em frente à casa no alinhamento da porta principal da Casa Grande.

Todo talhado em pedra calcária.

Com repuxo ao centro.

Origem da água - Conserva

Lago dos Recortes

Inserir-se num anfiteatro, cavado na rocha xistosa, que ultrapassa a dimensão do lago, criando um terraço de acesso.

É limitada, do lado esquerdo, por um muro de suporte e na retaguarda pela rocha nua já coberta pela “patine” do tempo e heras que conseguiram adaptar-se à parede rochosa.

A frente abre-se ao exterior e à vista da várzea e colinas envolventes da Quinta.

A dimensão do volume escavado permite afirmar que contribuiu, em muito, para os muros dos terraços agrícolas e jardins que se estendem para Sul. No local da pedreira foi instalado o lago. Antecede por isso a construção dos outros espaços do Sé. XIX.

Nasce o lago a partir de uma cascata adornada por cobertura* com pedras de calcário brando que acentuam o murmúrio da água que escorre desde cima.

Por baixo da cascata a simulação de uma gruta com duas aberturas para o lago.

O lago em si é feito a partir de tijoleira, rebocada, com um traçado em que dominam as linhas curvas com recantos sucessivos

*Faltará remover, mesmo parcialmente, as pedras de calcário para confirmar se esta cobertura é a original ou bem descansa sobre um embrechado de cacos e conchas da tradição dos Jardins Portugueses. Tendo em conta a solução construtiva da fonte da carantonha (que lhe será contemporânea) é bem possível que sim.

Ao centro um repuxo, cuja água cai sobre uma taça que assenta sobre 7 braços dispostos como se fossem pétalas. Foi mais tarde adornada com pedras de calcário que cobriram e ocultaram a taça. Quando do seu restauro* optou-se por descobrir a forma primitiva.

Um impensável pequeno portão, serviria como cais de acesso aos habitantes e visitantes que se passeavam num pequeno barco nas águas do lago**.

Este lago funcionava como fonte da rega do chão agrícola abaixo (horta) e alimentava, por caleira, a fonte da Carantonha.

Origem da água – tanque do Pomar-Jardim do Meio

A partir, por caleira, do tanque do pomar-jardim do meio.

Tanque da Latada

Seguindo o método construtivo do Tanque do Pomar-de-Cima, da Fonte do Canto, do Lago dos Recortes, o Tanque da Latada (também conhecido como Tanque das Lavadeiras) está embebido no solo natural e dele aproveitou muita da pedra com que foi erguido.

Na boca tem cerca de 10,5 m e poderia conter 30 m³ de água.

Rebocado é embelezado superiormente por seis torreões e ao centro por painel sobrelevado com 2 abas simétricas a partir de 2 arquivoltas.

Ostentava numa placa, na porta de acesso Sul, a data de 1881 que acabou por cair e que coincide com data idêntica no portão, construído por Leonor Emília Abreu, de acesso à Quinta.

Os bancos em redor conferem-lhe um lado de prazer de estar, comum a todas as obras da quinta e funcionaria como a reserva das necessidades de irrigação dos chãos contíguos (terraços contidos por muro) e também das terras da várzea.

Mais tarde foi adaptado para funcionar, também, como tanque da lavagem das roupas da casa, pelo que foi dividido por muro.

Origens da água - nora

A partir da nora por caleira em alicerçada e por aberturas na parte inferior das paredes durante os períodos de chuva.

** Não possuía caixa de abrigo dos peixes que lhe foi acrescentada, em 2013, quando do seu restauro.

** Das memórias transmitidas pela família Abreu/Mena que descende de Leonor Emília Abreu

Lago do Jardim das Rosas

Ao centro um pequeno lago, em alvenaria, com repuxo, ao centro, montado sobre cone de pedras.

Configuração por 5 lóbulos, em redondo, intervalados por meias canas todos inscritos numa circunferência.

Origens da água - nora

A partir da nora por tubo de ferro fundido em sifão.

Lago da Pedrinhas

A última construção de engrandecimento do espaço. Construído em 1905.

Configuração semi-retangular com os lados menores em redondo.

Antecedido por um canal, para a água correr, numa sucessão de pequenas cascatas.

Decorado com pedras pequenas de quartzo leitoso.

Segue a lógica de todos os lagos e tanques: contemplação e utilidade.

Permitia regar uma série de socalcos agrícolas (da mesma altura) que funcionariam como horta de proximidade*

Origens da água – Tanque dos Leões

Uma válvula de fundo que se abria no tanque dos leões, fazia o seu enchimento

Tanque do Cantarinho

No meio da várzea destaca-se um tanque com funções agrícolas mas também de prazer.

Uma fonte permanente alimentava-o e a água sobranete regava as culturas na proximidade.

A sua designação deriva de uma figura de menino em porcelana que encimava a fonte.

*Haveriam outras hortas mas provavelmente não tão perto da casa

Encontra-se associado a rituais de iniciação* do campesinato, das aldeias próximas de Sentieiras, Casais de Revelhos e Casais do Vale, nomeadamente por ocasião das idas “às sortes” da tropa ou retorno do serviço militar,

Origem da água - Mina encosta do moinho

A água é captada por uma mina que entra pela encosta Sul da várzea (ou do moinho).

Dada a natureza desta encosta (saibro não rocha compacta) essa mina permite coletar a água durante todo o ano.

Por essa razão foi a fonte de alimentação de água à casa desde os anos 40 do Século XX, a partir de uma bomba instalada numa caixa que intercepta o percurso entre a mina e o tanque do Cantarinho.

Fontes de Séc. XIX

Estavam normalmente associadas a uma mina de água, exceto a da frente das casas do feitor e criados que recebia a água da conserva*.

Fonte do Plátano

No exterior da casa original. Estava ligada ao poço transbordante situado a Norte da casa***. Ostenta a sigla de FRA (Francisco Rodrigues Abreu)

Origem da água

Poço e mina a norte

*Entre outros por mergulho nas suas águas.

**A casa do fundador também recebia a água da conserva mas que era canalizada diretamente para o seu interior

***Informação do Engo Fernando Gravito.

Fonte da Carantonha

Fonte singela com a água a fluir por uma carantonha, seguida de uma pequena cascata em embrechado de conchas.

A carranca inicial seria em mármore rosa mas foi roubada durante os anos 70 do Séc. XX e substituída por imitação tosca, em recurso, de cimento.

Origem da água – Lago dos Recortes

As águas sobrantes do lago dos recortes (quando não usadas na agricultura) corriam por caleira até á boca da carantonha.

7.4.7 Caleiras de ligação

Ligavam fontes e tanques segundo uma disposição que garantia que não havia perdas de água. Numa situação de transbordo de um tanque ou pia de fonte seguiam, por caleira aberta, até à próxima obra hidráulica.

Em caixas estrategicamente colocadas, a água podia ser desviada para as hortas e pomares.

No declive mais acentuado (entre o pomar jardim de cima e a fonte das casas, a caleira foi construída em rocha granítica para minorar o efeito de erosão da água.

Junto a alguns dos espaços agrícolas são identificadas regueiras que promoviam a rega uniforme na horta ou pomar.

7.4.8 A nora

Situada no que seria alinhamento de água principal da várzea, desviada a montante para não inundar a parte baixa da propriedade.

Construção em Pedra acede-se por rampa a partir do deambulatório.

Alimentada a partir de uma mina submersa das poucas águas subterrâneas da várzea.

Construção elevada acima do solo cerca de 6 m de modo a criar desnível para a condução da água por gravidade, até ao tanque das lavadeiras e repuxo do lago do jardim das Rosas.

Conduto sifonada no percurso primeiro da água.

Na datação da nora, intervém uma palmeira plantada junto a esta numa posição que coloca, o seu plantio, posteriormente à sua construção. Palmeira que desapareceu em 2015 por força da praga de escaravelho vermelho. Nessa altura, tinha para cima de 15 m. Conhece-se que cresce em média 10 cm por ano, ou seja, teria 150 anos na data do seu desaparecimento. A nora, já estaria por isso construída em 1865. Terá sido nos anos 50-60 do séc. XIX que se teria iniciado a renovação da quinta provavelmente por Brás Consolado* e continuada de forma vigorosa por Leonor Emília Abreu.

Ao nível do solo é reforçado por 3 elegantes contrafortes.

*Faleceu em 1862

7.4.9 Deambulatório

O deambulatório corresponde ao percurso dos jardins Portugueses dos Séc.s XVII e XVIII*. Caminho de prazer e utilidade para acesso a jardins e espaços agrícolas sempre na periferia deles.

Início, em calçada de seixo rolado, em frente às casas.

Depois do jardim das damas e antes do pomar-jardim de cima entronca com uma vereda ao seu lado direito.

Prossegue a direito, pela borda do pomar-jardim de cima, até à Fonte dos Passarinhos onde inflete à direita, já num plano superior, que corresponderá ao belvedere da propriedade.

Nessa altura acede à Conserva e segue na direção Sul.

Nova inflexão (com banco de descanso) e desce, para Poente, agora com degraus em socalco. Descida que culmina com escadaria até à fonte do canto. Novos bancos de descanso na Fonte. Neste ponto entronca com a vereda que vem do Jardim das Damas

Prossegue para Sul e as casas aparecem, do lado oposto, imponentes à sua direita. É e seria obrigatório os viajantes fazerem este percurso. Desse ponto é evidente o trabalho da grandeza do local e, claro está, do proprietário.

Nova vereda à direita e chegava-se, se o percurso fosse curto, novamente ao ponto de partida.

Para os habitantes e visitantes, um melhor usufruto do local, faz-se continuando para baixo (sudoeste), numa rua que foi pavimentada no séc. XVIII, passando (à direita) do Pomar-jardim do meio, contemplando o lago dos Recortes, o que foi o Enleio, Fonte da Carantonha, Tanque das Lavadeiras, Jardim das Rosas e finalmente a Nora (a Luz, o Zénite...)

Retornava pelo lado abaixo dos espaços descritos, seguindo o muro que foi das hortas e depois de uma escadaria, em lousa, toma o caminho da entrada Sudoeste desembocando na rua das Casas.

*Veja-se capítulo O passeio e a tradição Romana do deambulato; Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Hélder Carita-Homenem Cardoso, 1998-Pág.5

7.4.10 Veredas

Das veredas, que interligavam o deambulatório ou que nasciam a partir deste, destacam-se:

Vereda das Varandas que nasce, no deambulatório entre o jardim pomar de cima e o Jardim das damas e entronca de novo neste, como já referido, na Fonte do canto. Serve de acesso ao terraço abaixo através de escadaria com entrada por arco.

Mais abaixo desta, encontra-se nova vereda que nasce no tanque dos Leões e se encontra com o Deambulatório por alturas do curral. Permitiria o acesso ao Pomar Jardim do Meio e criaria uma versão curta do percurso do Deambulatório.

No canto do Deambulatório, correspondente à Fonte dos Passarinhos e a partir de uma escadaria, parte para Nascente outra Vereda que acaba num caminho de terra e por aí se acede à parte posterior da conserva de onde se contempla a alameda principal da Conserva e o pôr do Sol*.

7.4.11 Os terraços agrícolas

Existiam espaços em que a utilização agrícola era a função principal.

Construídos e contidos a partir de muros em pedra lajeada, reconhecem-se por debaixo do Pomar-jardim de Cima e na zona baixa contíguos ao tanque das lavadeiras. São contemporâneos das primeiras construções da propriedade.

Os por debaixo do Pomar-jardim de cima estariam reservados para as hortas os junto várzea, estariam para culturas cerealíferas**.

Os terraços evidenciam a procura da autossuficiência dos habitantes.

7.4.12 Curral

No fundo da vereda que nasce na frente do celeiro, no troço descendente do deambulatório e aproveitando o muro Sul deste, encontra-se o curral*** que albergaria os animais que trabalharam na construção e outros, nomeadamente ovinos, que se incluíam na autossuficiência alimentar da propriedade.

Construído em lousa no séc. XVIII

*Melhor ponto de vista para observar o alinhamento Este-Deste nas equinócios

**Recorde-se a mé descoberta junto ao celeiro novo

***Dimensões 12 x 18 m

7.4.13 Eira

A Sul do curral em local bem exposto ao Sol durante o dia encontra-se a eira. Como anexo possui um pequeno telheiro.

Construção do muro e chão em lousa.

7.4.14 Os muros

São uma imagem constante que resulta da necessidade dos construtores criarem os terraços que preenchem toda a propriedade.

Construídos com pedra lajeada e normalmente argamassados com cal.

Cuidadosamente drenados, por frestas, dispostas no seu nível inferior perto do chão seguinte

7.4.14 Origem da pedra para as construções

A dimensão das construções determinou soluções de proximidade quanto à origem da pedra.

Para as casas foi aberta uma pedreira, hoje coberta, nas traseiras da casa do fundador que obrigou inclusive à construção de uma muralha de proteção da casa sobre a pedreira.

Para as construções da parte superior da propriedade contribuiu o encaixe na rocha do tanque do jardim-pomar de cima, os muros nascente desse jardim e, claro está, a abertura da galeria da conserva.

Para as construções do século 19 foi aberta uma pedreira onde é hoje o lago dos Recortes criando condições para a sua criação.

O encaixe do tanque da Latada libertou também muita pedra para as necessidades de construção dessa parte da Quinta.

Mais pedra foi obtida pela abertura do deambulatório na zona do vale oposta às casas.

7.4.16 Os acessos à Casa

Faziam-se a partir do caminho medieval que ligava Casais de Revêlhos ao Sardoal segundo 2 acessos:

Norte

Pela parte de trás da casa com entrada pelo portão entre a estrebaria e a casa grande. É um caminho de serviço que permitia o acesso à pedreira.

Sudoeste

O que subia até à frente da casa e o principal, desde sempre. No Século XIX em 1881 foi construído, por Leonor Emilia Abreu, um portal de acesso que marcava a entrada na propriedade. Mais tarde, em 1885, foi-lhe aplicado um portão em ferro que passou a condicionar o livre acesso ao núcleo central da propriedade.

Imediatamente após a entrada situa-se uma escadaria, em redondo convexo, com degraus em tijoleira. Era o acesso pedonal à casa no Séc. XIX fazendo-se a subida por uma alameda de roseiras.

8. Flora

Fazem parte da vegetação natural, prosperam sem intervenção humana ou plantadas:

Árvores de ornamentação

Cedros – Dispersam-se por vários bosquetes numa área calculada em torno de 2 ha. Crescem hoje de forma espontânea. Os mais antigos são centenários. Sombriam os espaços da propriedade e contribuem para a amenização, particular, do ambiente da Quinta.

Loureiros – Crescem também, em quantidade, por toda a propriedade em particular ao longo do deambulatório. Particularmente adaptados ao local. Pelos seus requisitos edafo-climáticos sugerem a existente e já referida amenização climática.

Freixo – Vários na parte traseira da casa. Envolviam a pedreira como modo de a ocultar. Junto à estrada medieval destaca-se um exemplar centenário.

Alfarrobeiras – No deambulatório, junto ao muro do pomar-jardim de cima, prosperam 2 alfarrobeiras, bem ambientadas. Encontra-se mais 1 exemplar no caminho perto do pomar-jardim do meio.

Plátanos – São dois frente à casa. São referenciados na fonte com o mesmo nome de Francisco Roriz Abreu. Deverão ter uma idade que ronda os 150 anos*

Carvalho-cerquinho – vários, centenários, na encosta poente da tapada do Brás.

Magnólia – 1 exemplar perto da casa. Por determinar se provém das 2 imponentes magnólias da primeira propriedade de Constâncio nas Sentieiras

Amoreiras – permanecem no terreno da várzea (na área do poço) as raízes de velhas amoreiras que a plantação da vinha não conseguiu eliminar. Pela sua dimensão é presumido que terão sido plantadas no tempo do Marquês de Pombal pela mão de Manuel Constâncio, como foram outras plantações no Tainho em Abrantes.

Em frente às casas, entre os canteiros e o celeiro novo encontra-se uma vetusta amoreira.

Outras árvores – olaias e palmeiras.

Árvores de fruto

Oliveiras, laranjeiras, romãzeiras, nespereiras, abrunheiros, marmeleiros, videiras e nogueiras.

*Francisco Roriz Abreu faleceu em 1888

Árvores da floresta

Pinheiro, pinheiro-manso, carvalho, eucalipto...

Arbustos

Aroeira, Folhado, Gilbardeira, Medronheiro, Murta, Pilriteiro e Sanguinho-das-sebes...

Alguns exemplares de medronheiro assumiram, pela idade, o porte de árvores. Um deles, no troço superior do deambulatório, tem 1,2 m de perímetro na base e uma altura de 8 m (anteriormente atingiu os 12 metros que foi reduzida pelo efeito de um raio numa tempestade que também devastou os maiores exemplares de cedros).

Das sebes originais encontram-se ainda alguns pés de murta na zona da conserva, plantados por mão humana*. Eram comuns nos jardins Portugueses do Séc. XVIII** donde se infere que esses pés são do mesmo tempo da construção da conserva.

Plantas de jardim

Toda a fachada da casa é coberta por vários pés de glicínia que contribuem, no verão, para a sua estabilidade térmica interior.

Proliferam, porque bem adaptados, os agapantos, o que vai ao encontro das características peculiares do ambiente climático na Quinta.

Buxos - Estão dispostos por toda a propriedade no jardim das damas, conserva e acessos laterais a esta, fonte do canto, jardim das rosas. Exemplares bem adaptados pela sua antiguidade foram plantados durante o séc. XIX por altura do engrandecimento da Quinta.

Heras – cobrem os muros de forma espontânea e bem-adaptadas.

Outras plantas – rododendros, fetos dos muros...

*Porque existentes em locais que não correspondem ao solo original mas sim que foram mobilizados nos trabalhos de construção.

**O relato de William-Beckford, A Corte da Rainha D. Maria enumera frequentemente a existência da murta nas inúmeras propriedades que visitou em Lisboa e Sintra. A abrir a obra, 30 de Maio de 1787, "...Em um berseiro na frente da quinta estão dispostos uns tristes labirintos de musta tosquiada..." Igualmente são referidos os loureiros como fazendo parte do arvoredo desses lugares.

9. Fauna

Avistados:

Mamíferos – Raposas, saca-rabos, morcegos, coelhos bravos, javalis...

Aves – Coruja das torres, águia de Bonelli, perdizes, codornizes...

Répteis – Cobra rateira, lagartos, salamandras...

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

4.0	Designação da Quinta	Testamento e Termo de óbito	Pág. 9
-----	----------------------	-----------------------------	--------

Éis o testamento:

Aos oito dias de setembro de mil oito centos e doze annos em casas de morada de Manoel Constancio Cirurgião da Casa Real onde eu Pedro José Henriques Barbosa vim, em sua quinta chamada do Val da Louza, e achando-se ali prezente Manoel Constancio por ele me foi dito que queria fazer seu Testamento; e porque lhe era alguma couza custozo escrever em razão da sua idade (86 annos) me pedia lho quizesse escrever e juntamente com elle assignar, ao que me promptifiquei, e fielmente vae escripto como por elle Vestador Manoel Constancio me foi ditado da maneira seguinte: — Que elle Testador deixava a terça de todos os seus bens a sua filha **Dona Maria Margarida Rita Constança**, a qual seria prehenchida em a dita sua quinta do Val de Louza e suas pertença e não chegando a este se prehenzeria a falta com outros seus bens. Item que por este modo confirmava a

Testamento feito na Quinta pelo tabellião do Sardoal que terá seguido e indicação de Manoel Constancio — Quinta do Val de Louza
Página 216 do livro Manoel Constancio o Pároco Português de Augusto Gonçalves Correia de Castro

O testamento foi aberto no próprio dia em que faleceu Constancio, que foi a 14 de julho de 1817, como consta do termo de óbito que em seguida transcrevo:

Aos 14 dias do mez de julho do anno de mil oitocentos e desassete faleceu com os devidos Sacramentos e, com testamento solenne, Manoel Constancio, viuvo de Dona Joanna Rita, esta natural de Lisboa, e elle das Sentieiras desta dita freguezia do Sardoal, cirurgião da Camara, assistente ha annos na sua quinta do Valle de Louza, termo e freguezia desta Villa, foi sepultado na capella da contemplada Quinta, de licença do Excellentissimo Prelado deste Bispado que ha annos havia obtido, teve missas de corpo prezente e officio na forma do Ritual

(27) Provedoria de Santarém e Tomar (Livros – moço 3, n.º 10). Repartição de Abrantes. Livro décimo – 1817 – Registo de testamentos. Arquivo da Torre do Tombo.
(28) Livro de óbitos da freguezia do Sardoal (1802 a 1817), f. 150.

Termo de óbito feito em Tomar; a corrupção do nome deves ser attribuida ao escriptão Quinta do Valle da Louza
Página 218 do livro Manoel Constancio o Pároco Português de Augusto Gonçalves Correia de Castro

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

4.0	Designação da Quinta	Obito Brás Consolado, 1864 Carta do Reino, 1871	Pág. 9
-----	----------------------	--	--------



Quinta do Valle da Louza – Termo óbito Brás Consolado, 1864



Quinta do Vale da Louza – Carta do reino de 1871

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

4.0	Designação da Quinta	Panel entrada, 1891 Carta do Reino, 1900	Pág. 9
-----	----------------------	---	--------



Quinta do Valle da Louza – Panel de azulejo na entrada, 1891



Quinta do Vale da Louza – Carta do reino de 1900

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

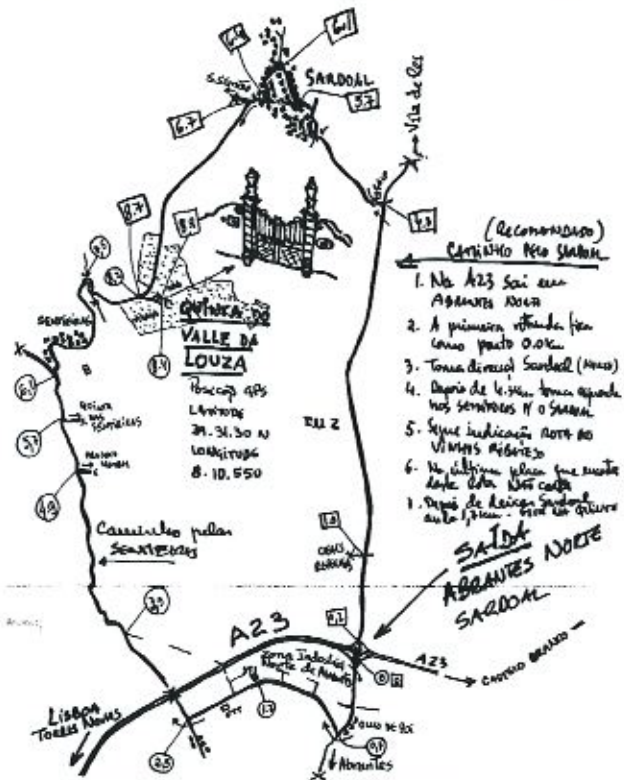
4.0	Designação da Quinta	Carta Militar, 1950	Pág. 9
-----	----------------------	---------------------	--------



Quinta da Constância – Carta Instituto Geográfico do Exército, 1950



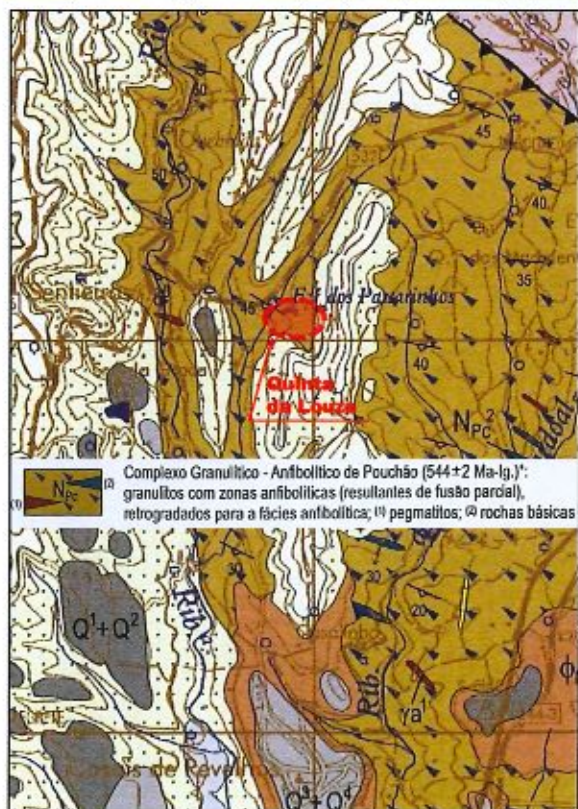
Quinta do Vale da Louza – Carta Instituto Geográfico do Exército, 1981



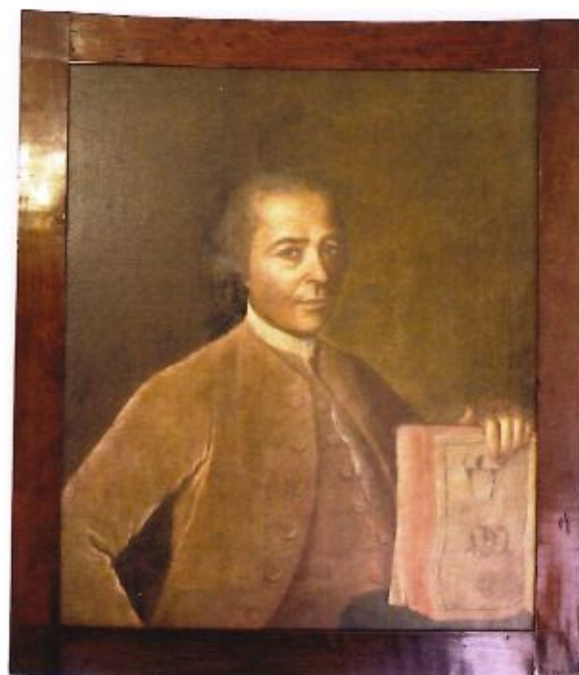
Quinta do Vale da Louza - Localização e acessos rodoviário



Quinta do Vale da Louza – Proposta de área a classificar



Quinta do Vale da Louza – Carta Geológica do local



Manoel Constâncio – Quadro que desde sempre existiu na na Quinta ,hoje na Faculdade de Medicina, contrariando o desejo expresso em que o mesmo não saísse de sua casa

Dr. MANUEL CONSTÂNCIO – O FUNDADOR

Marcos de uma Vida

1726		Nascimento nas Sentieiras	Reinava D.João V
1747	21	Partida para Lisboa	Pela mão 2º Marquês Abrantes
1754	28	Carta de Sangrador	Reinava D. José I
1758	32	Diploma de Cirurgião	Marquês de Pombal reforça poder
1760	34	Inicia obra da Quinta (?)	Jesuitas acabavam de ser expulsos
1764	38	Lente de Anatomia	Substitui Dufau
1777	51	Casa com Joana Rita (22 anos)	Aclamação de D.Maria I
1789	63	Conclui a "conserva"	Nomeação Cavaleiro-Fidalgo
1805	79	Jubileu	Napoleão Imperador
1808	82	Residência Definitiva na Quinta	Família Real foge para o Brasil
1817	91	Falece na Quinta	Reposa na capela da casa



Painel da Sala de Actos da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa (Campo dos Mártires da Pátria) representando os principais vultos da Medicina Portuguesa até ao séc. XIX. Manoel Constâncio, em cima, penúltima figura do lado esquerdo.



Tratado de Anatomia de Manoel Constâncio escrito por um dos seus alunos (António de Espírito Santo) a partir das aulas do Mestre no Real Hospital de S. José, guardado na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa



Brás Consolado



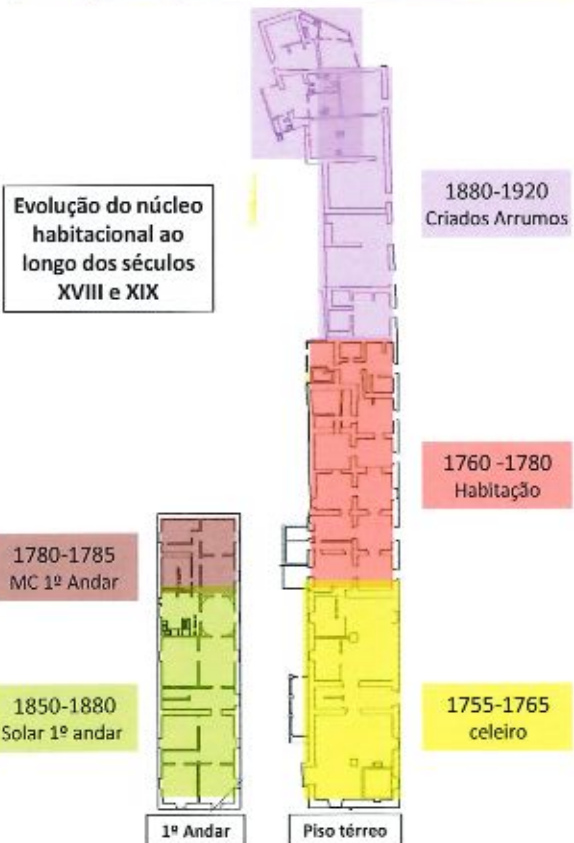
Francisco Rodrigues Abreu

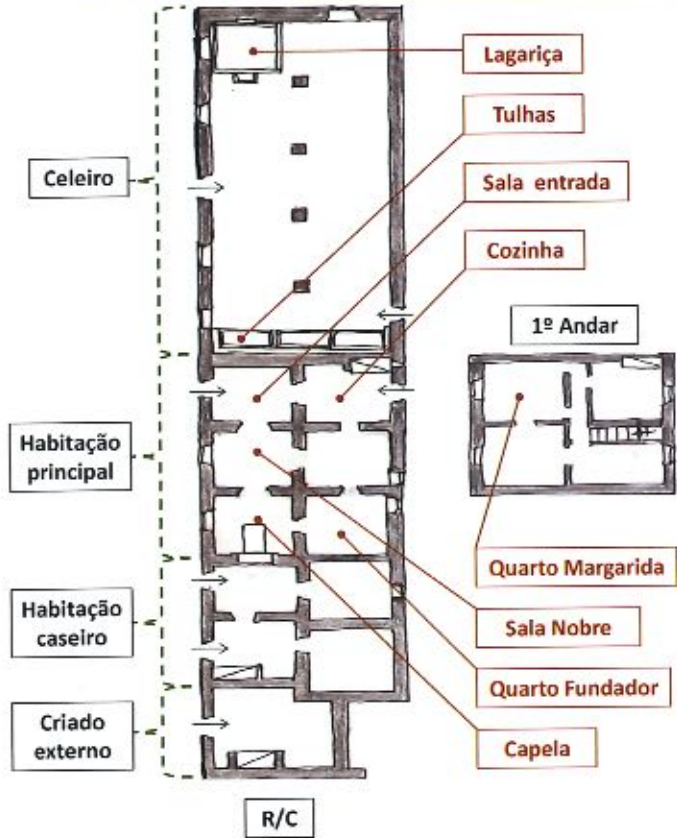


Leonor Emília Abreu



Francisco Solano Abreu





QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.1	As casas	Casa do fundador - Capela	Pág. 26
-------	----------	---------------------------	---------



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.1	As casas	Casa do fundador - Cozinha	Pág. 18 a 21
-------	----------	----------------------------	--------------



Janela do tremóis, porta original ao lado

Porta acesso 1º andar após fechar porta ao meio



2007 - sem tremóis

2006

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.1	As casas Sec. XVIII	Casa do fundador - Móveis	Pág. 28
-------	---------------------	---------------------------	---------

COLEÇÃO PRIVADA



TREMÓ



CAMA

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.1	As casas Sec. XVIII	Casa do fundador - 1º andar	Pág. 29
-------	---------------------	-----------------------------	---------



Podem distinguir aqui o limite da casa

1º andar acrescentado fins Séc. XVIII

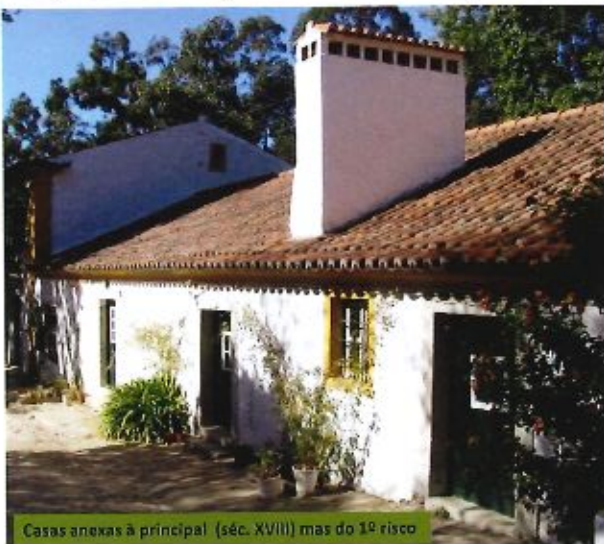


1º andar rodapé quarto Maria Margarida (?)

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.2 As casas Sec.XVIII Casas do caseiro e criados Pág. 30



Casas anexas à principal (séc. XVIII) mas do 1º risco



Casas do 1º e 2º risco

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.3 As casas Sec.XVIII Celeiro Pág. 30



Parte da casa correspondente ao celeiro primitivo



Pedras das tuilhas

Fibra superior do telhado do celeiro



2020: chão com pedras as tuilhas



2007: revestido



2007: revestido

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.3 As casas Sec.XVIII Celeiro Pág. 30



Casa para receber o eixo da vasa

Casa de articulação da vasa

Um dos 2 eixos, do lado, existentes no exterior

Legenda



2007: parede do séc. XIX junto à vasa



Janela de grade que abre, com fechadura, para entrada de luz

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.4 casa Sec.XIX Vista do exterior Pág. 32



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.4 casa Sec.XIX Interior Pág. 32 a 33



Alinhamento portas salas interiores



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.3.5 casa Sec.XIX Arrumos e trabalhadores Pág. 33



Fleira de casas, 2º piso da rua



Cozinha



Estrebança

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.1 Construções exteriores Visão geral Pág. 34

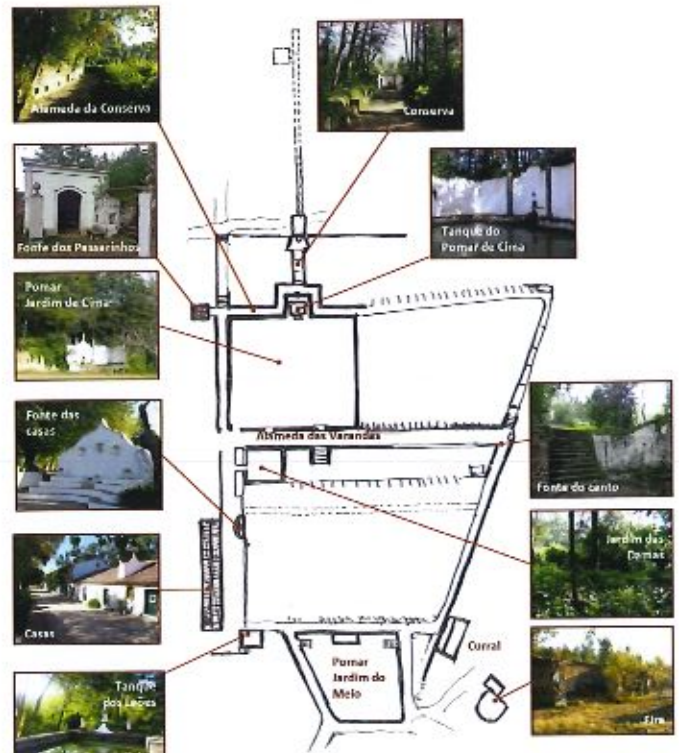


QUINTA do VALLE da LOUZA

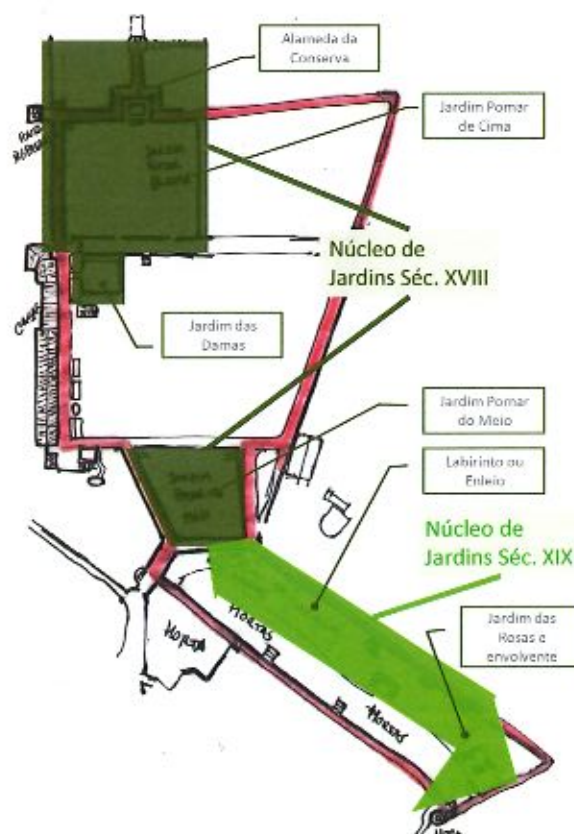
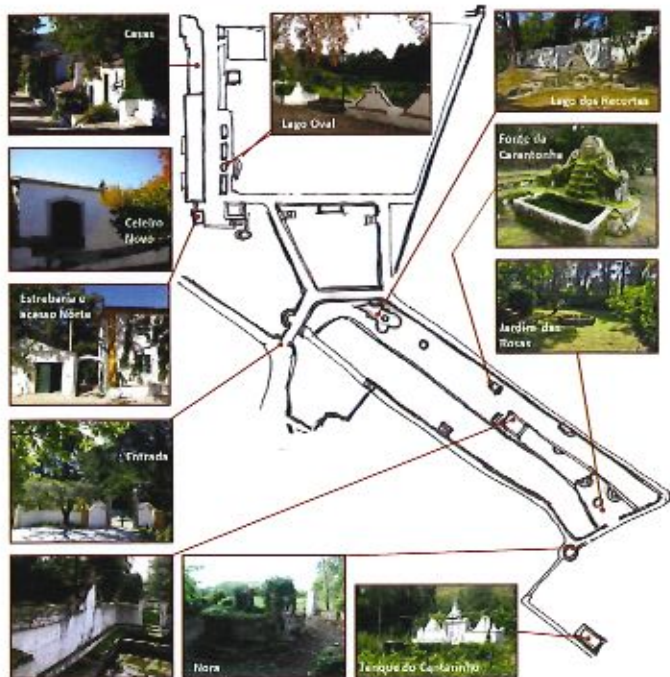
Classificação

7.4.1 Construções exteriores Visão geral séc. XVIII Pág. 35 a 53

Construções relevantes Sec. XVIII



Construções relevantes Sec. XIX



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.4 Construções exteriores Jardim das Damas, XVIII Pág.35



Banco de entrada, no acesso ao jardim a partir da rua, coberto a lousa, sinal indicador da sua construção no Séc. XVIII.



Confinamento com a rua das casas (deambulatório)

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.4 Construções exteriores Pomar Jardim de Clima, XVIII Pág. 36



Janelas, vistas a partir de dentro e da Vereda das Varandas

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.4 Construções exteriores Alameda da Conserva, XVIII Pág. 37



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.4 Construções exteriores Labirinto, Sec XIX Pág. 28



Espaço que constituía o labirinto que foi mantido até à década de 40 do Séc. XX. Sobram alguns cedros que sobram do que eram as sebes



Aqui os ramos entrelaçados pelo jardineiro permaneceram até crescidas as árvores

Notam se ainda as áleas dos cedros arbustos

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.4	Construções exteriores	Envolvente Jardim das Rosas, Sec XIX	Pág. 28
-------	------------------------	---	---------



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.4	Construções exteriores	Jardim das Rosas, Sec XIX	Pág. 28
-------	------------------------	---------------------------	---------



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.4	Construções exteriores	Jardim das Rosas, Sec XIX	Pág. 28
-------	------------------------	---------------------------	---------



Escadas, muros e bancos

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.5	Obras Hidráulicas – Séc. XVIII	A Conserva	Pág. 39 a 43
-------	--------------------------------	------------	--------------



Panel de azulejos na entrada

Galeria cheia

Alinhamento dos eixos, das construções, na equinócia

Caixa da entrada na galeria

Aberturas para a entrada de água retida pelos muros



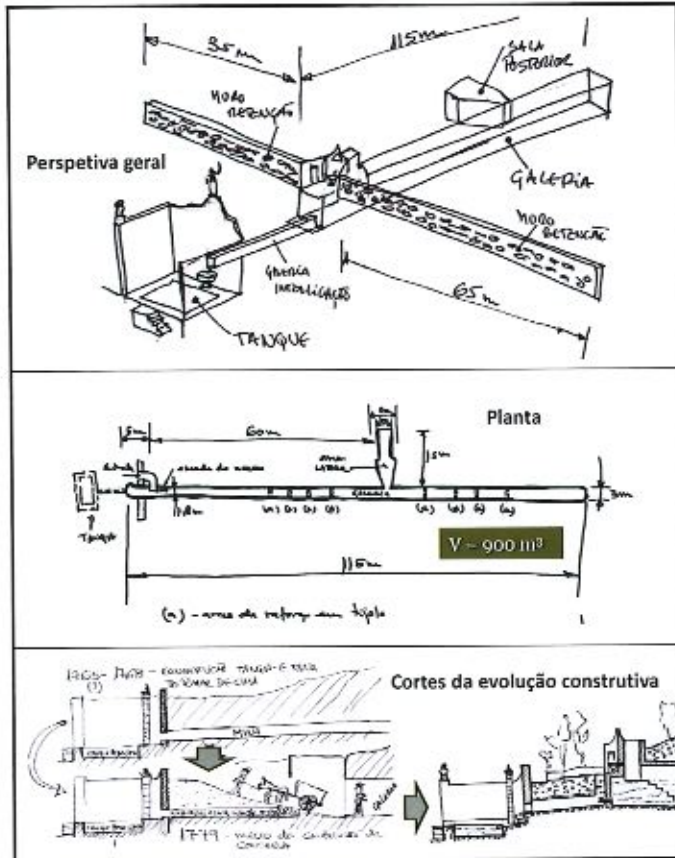
2006

2008 - eliminação
árvores estranhas

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

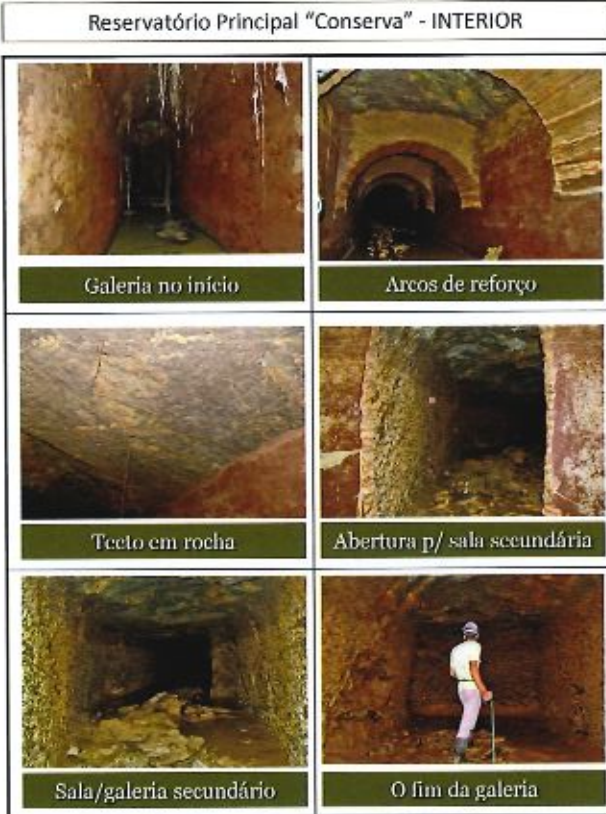
7.4.5 Obras hidráulicas Séc. XVIII A Conserva Pág. 39 a 43



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

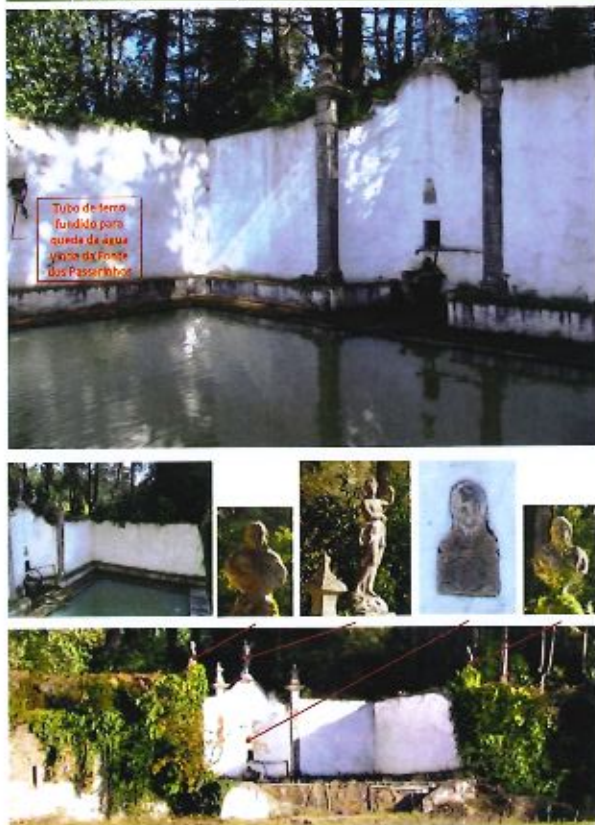
7.4.5 Obras Hidráulicas - Séc. XVIII A Conserva Pág. 39 a 43



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

6.4.5 Obras Hidráulicas Séc. XVIII Tanque do Jardim Pomar de Cima Pág. 44 e 45

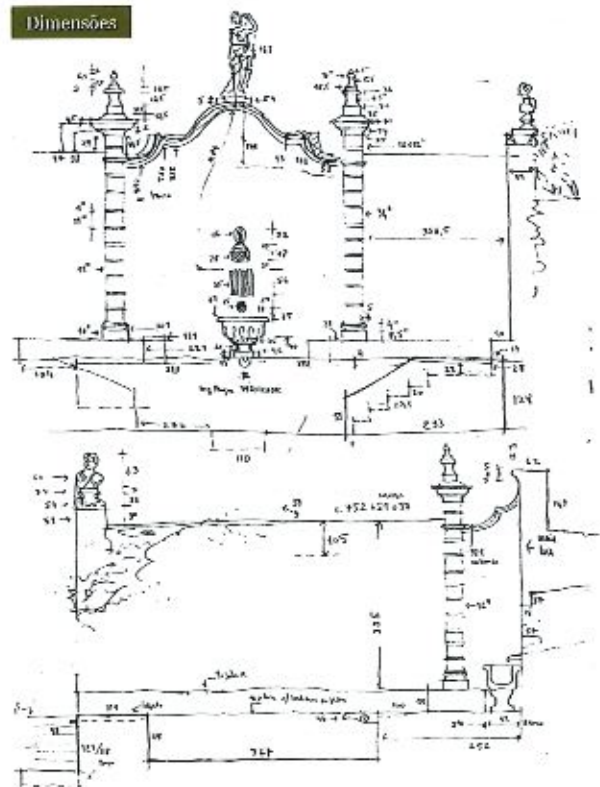


* Estátuas posteriores (Séc. XIX) à construção original do tanque

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.5 Obras Hidráulicas Sécc. XVIII Tanque do Jardim Pomar de Cima Pág. 44 e 45



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

6.4.5 Obras Hidráulicas Séc. XVIII Tanque dos Leões Pág. 45



- 1 Entrada água de conserva
- 2 Inscricão NAIADS
- 3 Fervorico de 2007
- 4 Intervenção Março 2008
- 5 Leão antes
- 6 Leão depois
- 7 Estátuas* depois restauro

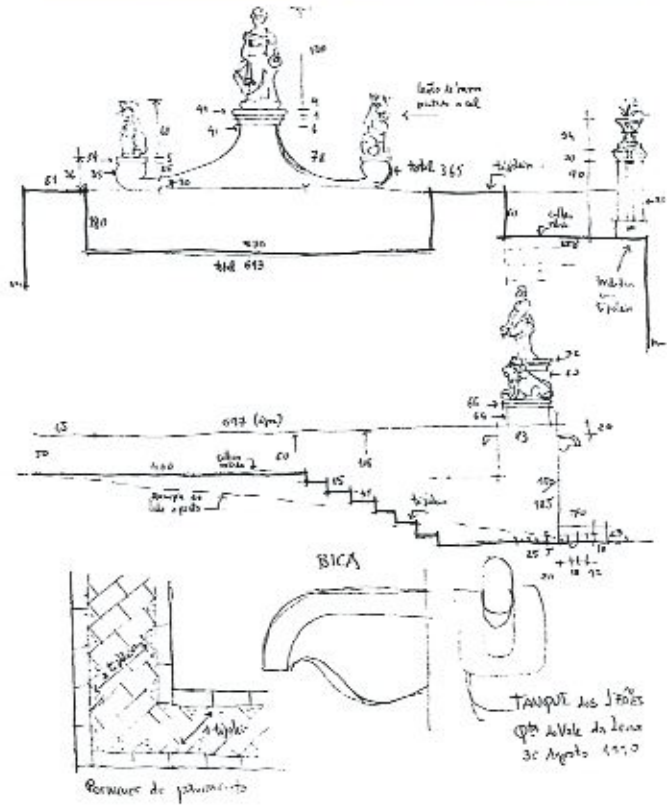


* Estátuas posteriores (Séc. XIX) à construção original do tanque

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

6.4.5 Obras Hidráulicas Séc. XVIII Tanque dos Leões Pág. 45



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.5 Obras Hidráulicas Séc. XVIII Fonte das casas Pág. 46



Face posterior



Bica e bacia c/ ladrão

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

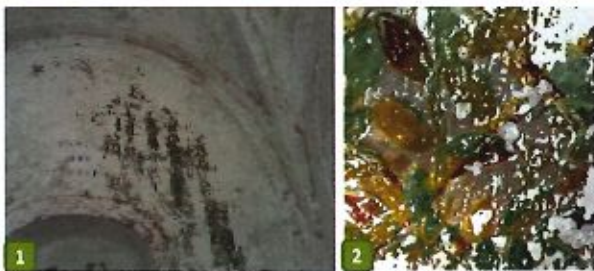
7.4.5 Obras Hidráulicas Séc. XVIII Fonte dos Passarinhos Vista global externa Pág. 47



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.5	Obras Hidráulicas Séc. XVIII	Fonte dos Passarinhos Detalhes	Pág. 47
-------	---------------------------------	-----------------------------------	---------



- 1 Paredes e teto decorados
- 2 Pormenor pinturas
- 3 Painel azulejos topo
- 4 Pormenor fecho teto
- 5 Bica e bacia
- 6 Parede de topo e bancos



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.5	Obras Hidráulicas Séc. XVIII	Fonte do Canto e escadas	Pág. 47
-------	------------------------------	--------------------------	---------



- 1 Bica e bacia
- 2 Rodapé decoração azulejos
- 3 Escada em Abril de 2007
- 4 Desmonte muro Dez 2008
- 5 Finalização Jan. 2009
- 6 Obra acabada



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.6	Obras Hidráulicas – Séc. XIX	Lago Oval	Pág. 48
-------	------------------------------	-----------	---------



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.6	Obras Hidráulicas – Séc. XIX	Lago dos Recortes	Pág. 48 e 49
-------	------------------------------	-------------------	--------------



Lago e chão adjacente evidenciando a remoção da rocha original usada, posteriormente, para as construções vizinhas

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.6 Obras Hidráulicas – Séc. XIX Lago dos Recortes Pág. 48 e 49



2006

2013



Trabalhos de restauro em 2013

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.6 Obras Hidráulicas – Séc. XIX Fonte da Carantonha Pág. 52

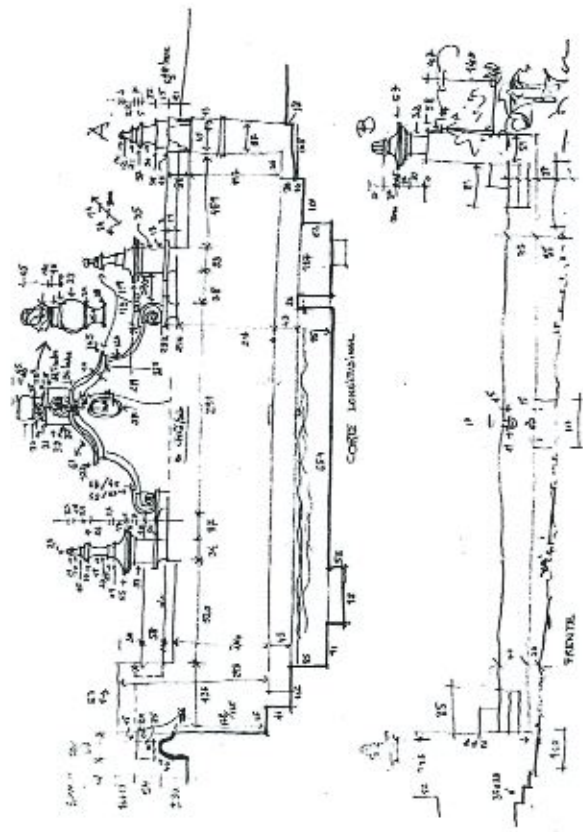


Carranca Original, em mármore, roubada na década de 80 passada

QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.6 Obras Hidráulicas – Séc. XIX Tanque da Latad



QUINTA do VALLE da LOUZA

Classificação

7.4.6 Obras Hidráulicas – Séc. XIX Tanque da Latada Pág. 49



7.4.6	Obras Hidráulicas – Séc. XIX	Lago do Jardim das Rosas Lago das Pedrinhas	Pág. 50 e 51
-------	------------------------------	--	--------------

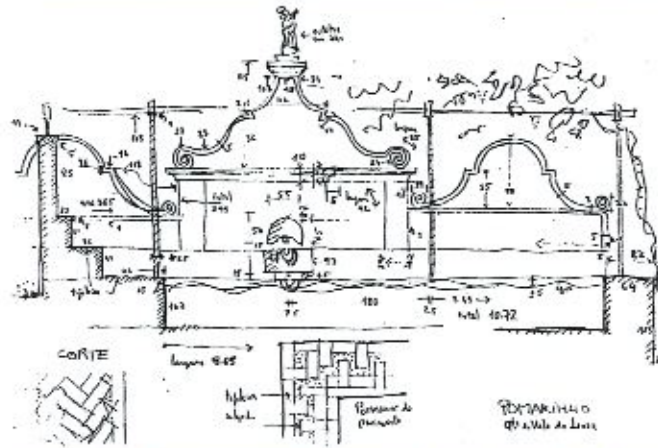


Lago do Jardim das Rosas

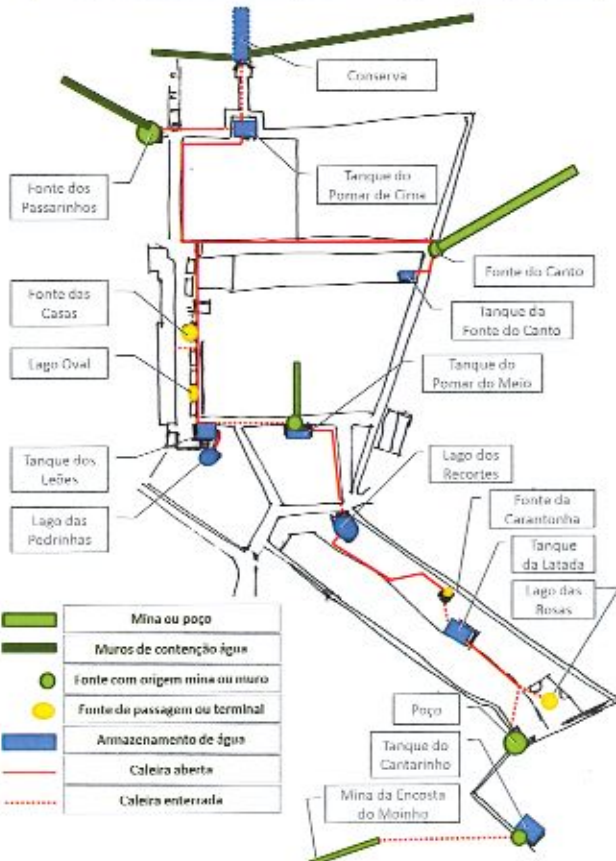


Lago das Pedrinhas com cascata

7.4.6	Obras Hidráulicas – Séc. XIX	Tanque do Cantarinho	Pág. 51
-------	------------------------------	----------------------	---------



7.4.7	Obras Hidráulicas	Circuitos da água	Pág. 53
-------	-------------------	-------------------	---------



7.4.8	Obras Hidráulicas	A nora	Pág. 52
-------	-------------------	--------	---------



Acesso a partir do deambulatório

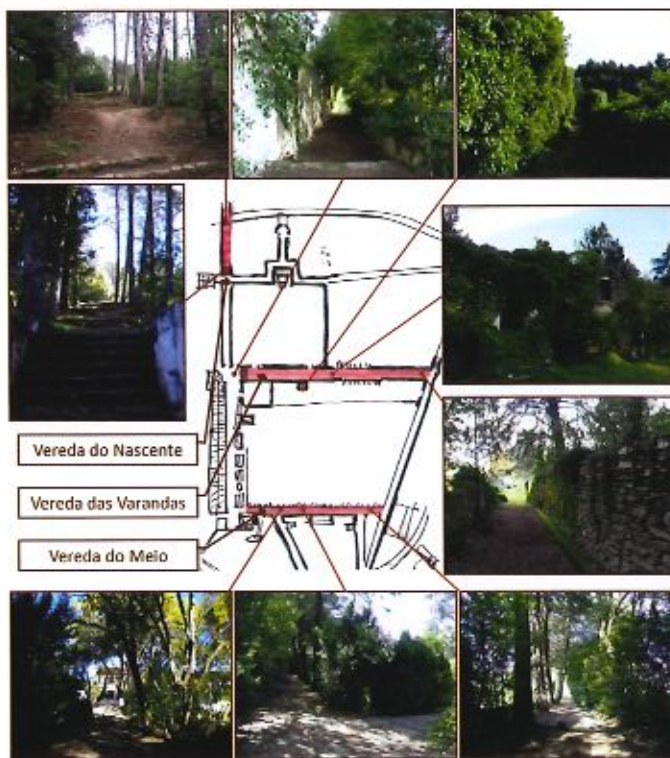
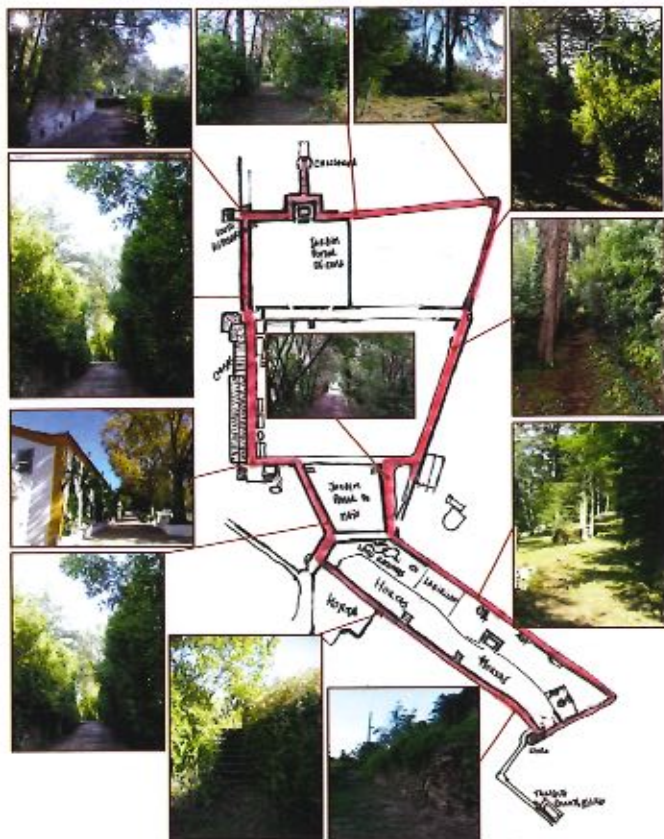
Topo e bancos na periferia

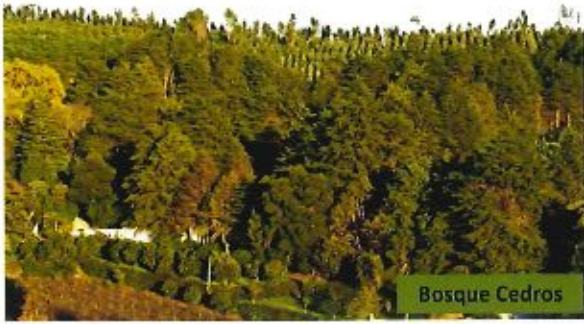


Contrafortes



Decoração





QUINTA DO VALI.E DA LOUZA_Memória descritiva

11. Obras e documentos consultados

- BC_essentoObito_brasConsolado_pdf
- BC_Cidadãos por Abrantes_20191103
- FRA_Francisco Rodrigues Abreu_CidadãosPorAbrantes_20161021_20150412
- FSC_Francisco Solano_Constância_1AnoDiplomaciaLusoAmericana
- FSC_Francisco Solano_Constância_AugustoGonçalvesCorreiaCastro_1923
- FSC_Francisco Solano_Constância_MariaLeonorMachadoSousa_Fev1979
- LEA_O Abrantes_19121027_NoticiaObito
- MC_200805_BoletimSardeal_ManuelConstancio_pag20
- MC_Anatomia_ULFM-res-2647_obracomplete_124-C-R0150
- MC_BC_MonografiaSenjeiras_AntonioBento
- MC_BIOGRAPHIE DE MANUEL CONSTANCIO_BibliotecaParis
- MC_Constancio_DamasMora_HistoriaCarreirasMedicina
- MC_MonografiaSardeal_ManuelConstancio
- MC_ReferenciasQuinto_Livro_PareoPortugues
- MC_TratadoAnatomia_ULFM-res-2647_obracomplete_124-C-R0150
- MC_ViagemMedicina_PinturasVeloosoSalgado_FaculdadeCienciasMedicas_SalaActos
- QVL_1876_CertificadoExposiçãoUSA_Filedefia_OliveOilyBeans
- QVL_200807_Zahara_Capela
- QVL_201006_Zahara_Conseiva
- QVL_ExposiçãoAgricolaLisboa1884_FranciscoRodriguesAbreu_Azeite
- QVL_ExposiçãoAgricolaLisboa1884_FranciscoRodriguesAbreu_LigoRibeiro
- QVL_LicençaCuetoCapela_VL
- QVL_MonografiaAbrantes_Quinta do Constancio
- QVL_ReferenciasQuintaLouza_Livro_PareoPortugues_AugustoGonçalvesCorreiaCastro
- TA_TiagoAbreu_NoticiaObito_CorreioAbrantes
- TA_TiagoAbreu_NoticiaObito_JornalAbrantes